

1ª Edição

midugorinibook

*Se a alguém causa mágoa  
Apedreja essa mão vil que te afoga,  
Escorra nessa boca que te beija!*

*Augusto dos Anjos*

STUFF

M  
I  
D  
U  
  
G  
O  
R  
I  
N  
I

*Sob o domínio  
de  
violenta emoção*

MIDU GORINI

***Sob o domínio de violenta emoção***

“Conto longo” (“long-short story”)

*Primeira edição*



**Brasil. Catalogação na fonte  
midugorinibook**

**[midugorini@bol.com.br](mailto:midugorini@bol.com.br)**

**2009 ©**

Midu / Gorini, Romildo Filho, 1955.

O Sob o domínio de violenta  
emoção ® primeira edição

l. literatura brasileira. l. título

# ***Sob o domínio de violenta emoção***

## **Epígrafe Indispensável**

— Quem sabe respirar o ar de meus escritos sabe que é um ar da altitude, um forte ar. É preciso ser feito para ele, senão o perigo de se resfriar não é pequeno. O gelo está perto... , mas com que tranqüilidade está todas as coisas, à luz, com que liberdade se respira... , o autêntico livro do ar das alturas.

Friedrich Nietzsche.

# ***Sob o domínio de violenta emoção***

## **Preâmbulo**

— Um livro para poucos, que possui o ar forte da altitude, o gelo está ao lado, resta saber se você é feito para ele e sabe respirar o ar forte das alturas. Um ar, com pouco oxigênio e fragmentos de fatos verídicos, regados a sangue frio, dominados por violenta emoção.

Midu Gorini

# ***Sob o domínio de violenta emoção***

## **¥ – £ § 1.0 — Os fatos iniciais.**

Fui almoçar no Yzi Kielv's Place como de praxe, desta vez pedi um saboroso filé a Chateaubriand, com arroz branco e fritas, para acompanhar meia garrafa de vinho tinto Merlot.

Durante o almoço, minha secretária Márcia, pelo telefone, foi direto ao assunto: — João a Dra. Dagmar, sua dentista, está vindo para o escritório aconteceu uma tragédia, a irmã dela, Maria Inês, que também é dentista matou uma moça no centro da cidade.

— A Dagmar deu mais nenhum detalhe, Márcia?

— Não, mas estava muito apreensiva e nervosa.

— Já estou chegando aí.

— Ok, doutor.

Pedi a conta e fui para o escritório, no caminho puxando pela memória, lembrei-me da Maria Inês, só a vi uma única vez, foi na casa da própria Dagmar. Ela era uma mulher morena de pele clara com olhar penetrante e fisionomia que misturava malícia com austeridade, vestia-se da mesma forma. Não era bonita, mas também não era horrorosa, talvez se mudasse os seus cabelos, eliminando aquele esquisito corte, tipo black power dos anos Woodstock utilizado por Jimi Hendrix, deveria ficar uma mulher bonita, para a sua idade.

Quando cheguei ao escritório, Dagmar em prantos, enxugando suas lágrimas me diz: — A minha irmã mais nova, a Maria Inês me ligou, estava desesperada, fugindo da cidade de carro, porque matou a amante do marido na perfumaria. João você é um excelente advogado criminalista, conversa com ela, Maria Inês vai me vai ligar às dez horas da noite na minha casa.

Depois de dez minutos, com a ajuda da Márcia, consegui acalmar Dagmar, que resignada começou a me esclarecer melhor os fatos: — Maria Inês, João, tem 42 anos é casada há vinte anos com Jader, ele é bancário, estavam separados a dez dias. Ela não se conformava com a situação, culpa Valéria, uma lindíssima menina de dezenove anos, a amante de Jader. Minha irmã procurou até uma psicóloga chamada Juliana, especialista em problemas conjugais. O casal tem duas filhas João, uma de dezoito e outra de quinze anos, coitadinhas.

Sem perder tempo pedi: — Márcia ligue para a psicóloga, requisitando a sua presença durante o telefonema de Maria Inês. Explique a urgência da situação para ela, e me passe o endereço da loja. — Agora mesmo, João.

Em seguida levei Dagmar desolada para casa, onde com certeza assistiria pela TV todo o estardalhaço da imprensa. Depois transferi toda a minha agenda para o meu advogado assistente Alexandre e fui ao encontro da delegada responsável pelas investigações, Dr<sup>a</sup>. Aldira.

## § 1.1 – O crime.

Era uma pequena perfumaria franqueada de uma marca de perfumes nacionais, The Smell, com setenta metros quadrados, decorados com muito bom gosto, apenas uma porta, para o trânsito dos clientes e uma vitrine muito chique que dava para a calçada, da rua, situada centro da cidade.

A área estava isolada pela polícia, com a tradicional fita amarela e preta, o corpo de Valéria já havia sido removido para o IML. Muitos curiosos na porta, em volta da fita de isolamento e a imprensa começando seu novo estardalhaço. Escutei um jornalista narrando ao vivo, para uma rádio local, os fatos ocorridos. “Dentista ricaça mata caixa da perfumaria, dentro da loja, em pleno centro da cidade, cana nela o povo presente clama”.

Dr<sup>a</sup>. Aldira, impecavelmente vestida com seu taieir vermelho vivo, educadamente permite a minha entrada na perfumaria e fala em tom de brincadeira: — Vou dar muitas entrevistas, sobre este caso, Doutor.

No mesmo tom, respondi: — Principalmente quando eu apresentar a minha cliente, em sua delegacia, Doutora.

Com tom de seriedade ela responde: — Segunda-feira às onze horas da manhã, Dr. João, você apresentará a Dr<sup>a</sup>. Maria Inês. A prisão preventiva certamente será decretada, pelo juiz o Dr. Plácido a pedido do promotor, Dr. Miguel “O pesadelo dos advogados”.

— Não tem problema Dr<sup>a</sup>. Aldira, entrarei imediatamente com recurso junto ao Dr. Plácido justificando a ele a inconveniência desta prisão, que é totalmente desnecessária.

— Pena que o promotor não pense assim, Dr. João.

— Mas o Dr. Plácido sabe que a apresentação espontânea da minha cliente em juízo para ser presa, mais sua total disposição de colaborar com a justiça. É ré primária Dr<sup>a</sup>. Aldira, cumprirá o que for determinado pelo juiz, além de ser uma cidadã honesta, bons antecedentes, residência, trabalho e família na cidade, sem a menor presunção da possibilidade de fugir da justiça. Ela não representa risco para a sociedade.

— Mas existe o clamor público, Dr. João, ouça a imprensa e o povo gritando aí fora “cana nela”.

— O clamor público para a prisão é relativo, minha cliente estava defendendo o seu lar e não podemos valorizar o estardalhaço da imprensa, é insuficiente a simples invocação da gravidade do crime, como causa para a decretação da prisão preventiva de alguém. Maria Inês irá aguardar o seu julgamento em liberdade, Dr<sup>a</sup>. Aldira.

— O promotor acha que não, eu ainda vou decidir se peço ou não a prisão preventiva dela, mas foi muito bom conversar a esse respeito com você. Mas lhe digo a hora da Dr<sup>a</sup>. Maria Inês vai chegar, com certeza. Foi um crime brutal, vou lhe explicar os fatos apurados até o momento, Dr.

João.

Dr<sup>a</sup>. Aldira me informa que tanto a polícia civil, como a militar, estavam no encalço da criminosa e relatou os fatos apurados, junto às testemunhas oculares do crime.

Maria Inês entrou apressadamente na perfumaria, a loja estava praticamente vazia, apenas quatro pessoas no seu interior, uma cliente idosa, sendo atendida por duas vendedoras, e Valéria ao lado de uma escrivaninha, falando ao telefone.

Quando Valéria vê Maria Inês vindo em sua direção desliga o telefone e conversam rispidamente, se esforçavam para manter o tom da voz baixo, aparentemente era uma discussão entre pessoas que não queriam fazer maiores escândalos, mas escutaram Maria Inês falar, “Valéria você é uma destruidora de lar”.

Isto acabou determinando, um discreto e estratégico distanciamento sugerido por uma das vendedoras. Que levou a cliente idosa, até a vitrine para mostrar-lhe uma novidade qualquer, sendo acompanhadas pela outra vendedora. A ríspida conversa se acirra, mas fica pouco audível.

Quando as duas vendedoras e a cliente estão retornando para o interior da loja, uma visão aterrorizante. Maria Inês agilmente pega o estilete de abrir correspondências, uma réplica de um pequeno punhal, pontiagudo feito de aço inoxidável, com dezoito centímetros, de comprimento total, que estava em cima da escrivaninha e crava violentamente no peito de Valéria.

Um único certo e mortal golpe, que atinge em cheio o coração da bela moça, Valéria cai no chão aos gritos. As vendedoras apavoradas vão ao seu socorro. Valéria agoniza enquanto Maria Inês sai rapidamente da loja, passando cliente idosa que estava paralisada, tendo uma crise de hipertensão.

Desesperadas, as duas vendedoras vêem Valéria agonizando atrás da escrivaninha, sangrando muito, uma desmaia e a outra em estado de choque, liga sem perder tempo, para o resgate do SIATE.

Curiosos entram na loja, mas quando saem a procura de Maria Inês, ela já tinha desaparecido no meio do movimento centro da cidade.

Valéria agonizou por aproximadamente um minuto, e se calou para sempre, quando o SIATE chegou pouco depois não havia mais nada a ser feito, apenas isolar a área e chamar a polícia.

Dr<sup>a</sup>. Aldira me disse ao terminar o seu relato: — Há uma barreira do direito, para as coisas e sua cliente ultrapassou barbaramente, todas essas barreiras Doutor, terei imenso “prazer” em recebê-la, segunda-feira em minha delegacia e decidir o que fazer com ela.

— Ela estará lá Doutora, com certeza acharemos uma boa linha de defesa para minha cliente, que não ultrapasse nenhuma barreira do direito.

— Não poderia esperar outra coisa sua Dr. João, boa tarde, agora se me

der licença, tenho que dar atenção aos repórteres.

— Fique á vontade, boa tarde Dr<sup>a</sup>. Aldira.

A delegada era possuidora de uma vaidade pessoal extraordinária e foi logo a demonstrando aos repórteres com a sofisticação de uma expressão em latim “est modus in rebus, há uma medida para as coisas, e com certeza esse crime excedeu todas as medidas...”. Pena que não pude ficar e apreciar a nobre delegada se deliciar com a imprensa.

## **§ 1.2. – Juliana.**

Na residência de dona Dagmar, a psicóloga estava me aguardando em silêncio na sala, o clima era de velório desanimado, tétrico. Mas uma luz me iluminou intensamente, se realmente existe uma mulher dos sonhos, eu acabara de encontrar, a minha atração física pela psicóloga foi instantânea e talvez indisfarçável, porque Juliana, diz seriíssima para mim:

— Fiz apenas uma seção de psicoterapia em Maria Inês e a princípio não acreditava que ela fosse capaz de tal ato, conversei uma única vez, com Jader e não posso, em nome do sigilo profissional, dar mais nenhuma informação sem autorização explícita, dos meus clientes.

Foi quando eu a interpelei, interrompendo aquela voz que se transformou em musica aos meus ouvidos: — Dr<sup>a</sup>. Juliana, este foi o principal motivo para te trazê-la até aqui, vou tentar conseguir esta autorização por telefone.

— Ótimo, estarei a sua disposição para ajudar como puder.

Alguma coisa estava acontecendo comigo, para o meu encantamento ela bastava, até então não sabia que existia uma beleza com tanto charme e sensualidade em uma só pessoa, me entreguei de corpo e alma, à palma de sua mão.

\*\*\*

Às dez horas em ponto, Dagmar atende a ligação de Maria Inês e após poucos minutos, me passa o telefone, empalidecida, cabisbaixa como se estivesse desculpando-se pelo ato de sua irmã.

Converso com Maria Inês, ela está com a voz tranqüila, aparentemente calma, escondida na casa de um casal de dentistas, em uma cidade próxima, pergunto-lhe se ela poderia ficar lá, por mais alguns dias até eu lhe apresentar à justiça, ela respondeu que sim.

Pedi que ela autorizasse a psicóloga a responder todas as minhas perguntas, Maria Inês, com voz trêmula, não concordou.

Expliquei rapidamente para ela, que sem a autorização e sem o seu endereço atual, nada feito, não poderia defendê-la, Maria Inês ficou nervosa e com grande irritação, concordou bruscamente, “Juliana está autorizada, mas não vou falar com ela, Doutor.” Marquei para sexta-feira à noite, uma conversa jurídica com ela, depois eu liguei para o Jader, e consegui a sua autorização prontamente.



Juliana pediu-me para dispensarmos as formalidades, fiquei na dúvida, será que estou sendo correspondido ou será porque os psicólogos não se autodenominam de doutores?

Resolvi arriscar e ver em que esta bela psicóloga poderia me ajudar, lhe perguntei reservadamente: — Juliana são dez e trinta, o estado emocional da Dagmar é péssimo, seria muito tarde, para conversarmos em outro local, sobre Jader e Maria Inês? Tenho que apresentá-la na delegacia segunda-feira, eu conheço um lugar apropriado.

— Desde que você não se prolongue muito, podemos ir.

Concordei prontamente: — Ok.

\*\*\*

Dagmar não se conformava com a situação. Estava apavorada com a repercussão do crime na TV em rede nacional, a imprensa estava massacrando a sua irmã, me despedi dela dizendo: — Passe no escritório, que eu te colocarei a par da situação.

— Passarei sim, amigo.

Sai com Juliana e rapidamente cheguei a um local mais apropriado.

### § 1.3 – O casal.

No Yzi Kielv's Place, pedi para o maitre uma mesa onde poderia conversar reservadamente com a minha acompanhante. Ele me disse que quinta-feira era noite de musica instrumental ao vivo, e nos acompanhou até a mesa. Durante o nosso drink, um licor de amarula, para ela e um uísque com gelo para mim, fiz uma pergunta muito simples para a Juliana:

— Quais são os fatos, sobre Maria Inês e Jader?

— Muito bem João os fatos, eu falei com Jader uma vez, o mesmo aconteceu com Maria Inês. Ela ligou para a minha secretária, falou que precisava de uma consulta, que o caso era de urgência urgentíssima, tive que desmarcar um cliente, para poder atendê-la. Maria Inês entrou, no meu consultório, falante, a ansiedade era enorme, estava com falta de ar, ofegante, relatou uma sensação de perda interior muito grande e pressentia que sua vida iria entrar em colapso.

— E o que você fez?

— Se eu não a deixasse desabafar com certeza ela entraria em uma crise de pânico, eu falei pouco e ouvi muito. Com esta conduta clínica eu produzi em Maria Inês, uma sensação de confiança e esperança, no alívio do seu sofrimento, o que me levou a afastar, a princípio, a possibilidade de ela cometer um crime.

— Mas como você pressentiu essa possibilidade de ela cometer um crime passional?

— Eu não achei que ela fosse capaz matar, mas pelo olhar furioso dela, ela queria fazer alguma coisa sim, existia maldade naquele olhar. Depois Maria Inês foi se acalmando no fim da consulta e eu fui me tranquilizando



de forma errônea, quanto a essa possibilidade de matar.

— Mas ninguém poderia prever um crime bárbaro desses, Juliana.

— Eu sei João, Maria Inês no começo do o seu desabafo, não falou coisa com coisa, insistia que não queria se separar, mas não dava a mínima atenção às filhas, a casa e ao marido. Ela não ama o Jader, isto ficou muito claro quando ela deixou escapar que traiu o seu marido, com um cliente casado, em pleno consultório. Para mim ela tinha um comportamento abusivo em relação ao marido, depois que ele ficou sem emprego.

— Não entendi Juliana, como assim abusivo?

— Desempregado, Jader cuidava sozinho da casa, das filhas, ficou impotente temporariamente depois que faliu. Maria Inês dominava o marido de todas as formas e de forma abusiva, até sádica, foi quando eu diagnostiquei que atrás daquele olhar de maldade e fúria raivosa, existia uma mulher extremamente reprimida, na expressão de sua verdadeira sexualidade. Isso acabou dando origem a uma pessoa aparentemente normal, mas totalmente desequilibrada psicologicamente, demandando urgente tratamento psicológico e psiquiátrico que seria indicado por mim, na próxima consulta.

— Em sua opinião, que tipo de questionamento seria mais eficiente, para eu trazer Maria Inês à flor da pele e conhecer realmente quem ela é?

— Pergunte esmiuçando a vida sexual dela. Por exemplo, pergunte se ela se casou virgem e coisas do gênero. Não sei ainda exatamente o que você vai encontrar, mas com certeza vai encontrar algo de relevante.

— Vou fazer isto Juliana, mas Maria Inês poderia ser inimputável pelo crime?

— Com uma consulta só, não posso afirmar isso. Mas continuando João, eu marquei o retorno dela para uma nova consulta, um dia antes do crime, mas Maria Inês não apareceu porque estava atendendo uma emergência odontológica no seu consultório, marcamos uma nova data para o seu retorno. Mas tive o cuidado de ligar para a secretária dela, que confirmou o atendimento de urgência, João.

— Fez bem, Juliana, com essa sua ligação, você reforçou a tese, que o crime, não foi premeditado, mas e o Jader?

— Jader falou que estava decidido a se casar com a Valéria, portanto não teria sentido participar de uma terapia conjugal. Tentei argumentar, mas ele se negou a responder qualquer pergunta minha.

— Mas e a Valéria, ela era muito mais nova que o Jader. Dezenove anos versus quarenta e quatro?

— Valéria pelo que li nos jornais, era um caso típico de fixação precoce e intensa pelos primeiros carinhos heterossexuais. Que recebera de forma paterna, amorosa e inocente do seu pai, quando era criança e depois como adolescente. Era a filhinha do papai, a princesinha da casa, coisinha linda do papai e assim por diante. Foi desenvolvendo uma atração sexual

proibida no seu subconsciente, pelo próprio pai. Mas que deixou Valéria atraída sexualmente, por homens mais velhos. Isto é uma coisa muito comum, observada principalmente na adolescente, que fica platonicamente apaixonada pelo professor, ou pelo cantor pop, com o tempo tudo isso passa, mas às vezes não, como é o caso de Valéria. Quando ela conheceu Jader, uma pessoa que lembrava muito o seu pai ficou irremediavelmente atraída sexualmente por ele. Jader totalmente ansioso e carente fica perdidamente apaixonado por ela. Jader iria abandonar Maria Inês, mesmo que perdesse o emprego no banco. Agora quero mais um drink, e vamos mudar de assunto que eu quero dançar um pouco.

Depois de um novo drink e algumas amenidades lúdicas, convidei Juliana para dançar e ao final da musica, sussurrei-lhe ao ouvido “Vamos sair daqui?”. Um beijo surgiu doce de forma espontânea, como resposta, como se nos conhecêssemos há muito tempo, como se nos amássemos há muito tempo, pouco depois ela me faz uma pergunta muito simples.

— João, quer fazer sexo?

— Ah, quero.

— Me tire daqui.

#### **§ 1.4 – O fogo da paixão.**

Em menos de uma hora, em seu pequeno e aconchegante apartamento, no centro da cidade, ela me fala com a voz mais sensual que já ouvi: — Sexo é brincadeira de adultos, portanto não se assuste, apenas brinque João, eu gosto de ser toda imobilizada me sentir vulnerável nas mãos do meu parceiro. Mas não ficar passiva e sim relutar em estar amarrada, como se estivesse sendo obrigada a ficar naquela situação. Não aceitar passivamente que o outro me amarre, mas tentar me soltar e acabar sendo vencida pela força e técnica do meu parceiro. A privação dos sentidos como a visão e a fala, faz com que os mesmos fiquem ainda mais aguçados, ai que delícia. Agora não saber o que o parceiro vai fazer é uma excitação sem igual, estar amordaçada é uma sensação incrível. Juntar tudo isso é uma sensação inexplicável de prazer.

Eu concordaria com qualquer coisa que ela me dissesse e respondi pró-forma: — Sinceramente Juliana eu acho que não é normal é as pessoas se podarem, ou mesmo viverem um relacionamento de aparências sem a realização de suas fantasias. Acredito que uma pessoa será completamente feliz quando procurar um relacionamento que lhe complete no todo.

— A sociedade em que vivemos é hipócrita, João, todos têm suas fantasias, mas para se encaixar no padrão “normal”, ninguém se assume e ainda se scandaliza com a fantasia do próximo.

Estava fascinado por Juliana, passei suavemente a mão em seu no rosto, sentindo toda a maciez de sua pele e disse suspirando de tesão por ela: — Juliana cada um é dono da sua vida e não tem que dar satisfação

para ninguém do que gosta ou deixa de gostar. Dentro de quatro paredes acho que devemos ser livres para vivenciar nossas fantasias respeitando o limite e espaço do outro.

Ela me dá um beijo e com a voz mais sensual ainda, diz: — Para mim essa fantasia é uma fonte de prazer, se quiser brincar assim eu brinco, sou sincera comigo mesma, me aceito assim e isso me faz feliz.

Estava completamente seduzido por ela e concordei prontamente: — Você está certa vamos brincar.

Depois senti todo o calor do corpo de Juliana colado ao meu, de olhos vendados, tremendo, entre gemidos e gritinhos abafados pela fita amordaçada em sua boca. Quando conseguiu desvencilhar da fita, ela estava extasiada de prazer, sussurrava ao meu ouvido.

“Que gostoso João! Como você é gostoso!”

Sentia o orgasmo múltiplo de Juliana atravessar-lhe o corpo inteiro, atingindo partes que pareciam nunca terem sido tocadas antes, como se o prazer lhe agarrasse dentro do estomago e subisse lentamente pela garganta em forma de delicados soluços que se transformavam em um misto de gemidos, gritinhos e sussurros ao meu ouvido

Existia fogo entre nós, que foi aplacado prazerosamente nas melhores relações sexuais que já tive. De manhã um beijo com gosto de quero mais, mas infelizmente tive que ir para o IML.

### **§ 1. 5 – A dor.**

Dr. Vitor realizou a autópsia, em Valéria e relatou para mim o ferimento mortal. Bem no meio do coração dela, uma perfuração de três centímetros de profundidade, com um centímetro de comprimento, que cortou com precisão cirúrgica o feixe nervoso atrioventricular. Parte vital do sistema gerador dos estímulos nervosos responsáveis pelos batimentos cardíacos, o coração entrou em choque e parou, resultando em uma morte súbita.

Pela TV ligada no IML, assisti às notícias sobre o crime. O enterro, de Valéria foi de cortar o coração, a comoção da família, dos amigos, dos colegas da escola, das instituições de direitos humanos, a imprensa dando o seu “show” de forma irrepreensível, o clamor por justiça era enorme, à opinião pública não perdoaria jamais a Maria Inês.

A repórter da TV entrevistou na delegacia a Dr<sup>a</sup>.Aldira, ela afirmava sofisticadamente vestida em seu belíssimo taieir preto com detalhes em branco, “o crime provocou grande comoção na sociedade. Eu vou contra tudo e contra todos, doa a quem doer para apurar a verdade dos fatos, já encontramos o carro da dentista no estacionamento do aeroporto, ela não conseguiu embarcar em nenhum voo, está sendo gradativamente encurralada pela polícia, o advogado deve apresentá-la, na delegacia em breve, pois não suportará a pressão policial”.

Depois da esfuziante entrevista da satisfeitíssima delegada na TV, tive que desligar o meu celular, porque a imprensa não deu trégua. Certas pessoas são extremamente competentes, mas isto não basta, precisam desesperadamente do reconhecimento público para se sentir realizadas profissionalmente, este era o caso da vaidosa Dr<sup>a</sup>.Aldira.

### **§ 1.6 – Carmo e Luiz.**

O endereço fornecido por Maria Inês era de um prédio residencial novo, típico da classe média alta, onde não poderia faltar um porteiro chato com o interfone na mão.

No apartamento, muito bem decorado em estilo colonial, fui recebido com cordialidade pelo Dr. Luiz, estava só, e sem perder tempo, foi logo me falando: — Maria Inês ligou da estrada pedindo ajuda e fui imediatamente com meu amigo, Carmo, ao encontro dela amiga, na praça em frente do aeroporto, Maria Inês estava pensativa, sentada cabisbaixa em um banco, usava óculos escuros e um lenço colorido na cabeça.

Para mim ficou claro à sua homossexualidade, ela era transbordante por todos os poros: — Dr. Luiz, o senhor está ciente que cometeram um crime, por ajudar uma pessoa a fugir da justiça?

— Sim, mas não podíamos negar está ajuda a uma querida colega de faculdade e de república. Nos três moramos juntos durante todo o curso de odontologia, ela foi à única pessoa que não discriminou o Carmo e eu, quando assumimos nosso relacionamento, sem preconceitos Maria Inês continuou a morar com a gente, suportando todos os comentários maldosos dos colegas.

— Que tipos de comentários Doutor?

— Todos insinuavam um triângulo bissexual amoroso, a amizade continuou depois da formatura, mas sem o conhecimento de Jader, que não aceitava a nossa amizade.

— Entendi, mas depois na praça do aeroporto, o que aconteceu?

— Maria Inês estava muito abalada, discretamente ela entrou no carro e a levamos para um condomínio de chácaras de lazer. Onde temos uma pequena chácara e muita privacidade, ela nunca vai ser encontrada lá, compramos a propriedade de um senhor da capital e a escritura ainda não foi lavrada, ninguém sabe dessa nossa chácara, vou levá-lo até Maria Inês.

\*\*\*

Passando pela portaria do condomínio de chácaras, perguntei se o porteiro não havia visto sua amiga dentro do carro, Dr. Luiz me disse com ar de sabedoria: — Quando estávamos na estradinha deserta, a duzentos metros da portaria, Maria Inês, foi colocada no porta-malas do carro, ninguém viu nada, pode ficar tranquilo, quanto a isso, Dr. João.

Era um condomínio muito bonito, a pequena chácara privilegiava a total privacidade dos seus proprietários. Estacionei o carro na garagem, ao

lado do carro do Dr. Carmo.

Era uma casa feita de madeira, estilo rústico, pequena mais digna de uma capa de revista de arquitetura. Entramos Maria Inês nervosa se levanta de forma abrupta, me cumprimenta discretamente e apresenta o seu amigo Carmo.

Ele não era afeminado como Luiz, era na verdade uma pessoa com trejeitos de um homem comum, normal. Jamais suspeitaria que ele fosse homossexual, se eu não o encontro nesta situação.

Fui direto ao assunto e expliquei a situação para Maria Inês e para o casal: — Maria Inês você sentiu vontade de matar alguém e matou, estou aqui para defendê-la. Portanto não se sinta prejudgada ou envergonhada, fez o que julgou certo fazer, naquele momento. Carmo e Luiz, vocês também cometeram um crime, portanto, fiquem tranquilos que este crime nunca virá à tona.

Dr. Carmo me interrompe: — Porque Dr. João?

— Simples, os advogados de defesa não podem delatar o esconderijo dos seus clientes, agora gostaria de ficar a sós com Maria Inês, por três horas. Por favor, me perdoe por está indelicadeza, com pessoas tão simpáticas, de tão nobres sentimentos, são poucas as pessoas que ainda dão valor a uma amizade nos dias de hoje.

Gentilmente, eles atenderam ao meu indelicado pedido.

Dr. Luiz disse rebolando ao sair: — Voltaremos após três horas, fiquem à vontade crianças.

### **§ 1.7 – A luta pela verdade.**

Sentei-me, frente a frente com Maria Inês e abri o jogo com ela.

— Maria Inês a situação é a seguinte, não posso alegar lesão corporal grave seguida de morte, porque a precisão do golpe fala por si só. Por outro lado o promotor não tem como qualificar este homicídio, onde a pena seria de 12 a 30 anos, você matou sem premeditação, porque estava desarmada, não houve dissimulações ou emboscada, o motivo não foi fútil, porque Valéria destruiu o seu lar.

— E isso significa o que Dr. João?

— Trata-se de homicídio simples, com pena de 6 a 20 anos de reclusão, o promotor certamente pedirá 20, Maria Inês.

Chocada com o fato, me interrompe: — Meu Deus, como o senhor vai me defender, tenho alguma chance?

— A minha tese de defesa baseia-se em dois pontos principais, o primeiro reside no fato de você não ter antecedentes criminais. Portanto é primária, odontóloga há vinte anos, mãe exemplar, esposa que enfrentou a dura realidade da vida, superou o desemprego do marido, e proveu o seu lar, vou ter que santificá-la no tribunal.

— Mas Isso é a pura expressão da verdade Dr. João, desculpe-me por

interromper, continue.

— O segundo ponto está no fato, que você matou Valéria sob domínio de violenta emoção, por motivo relevante, após injusta provocação da vítima. Se o júri aceitar os argumentos da defesa, a sua pena de 20 anos diminui um terço, caindo para seis anos e sete meses.

— Isto é o mínimo que você consegue! É muito tempo, não mereço isso Doutor, eu vou fugir com as minhas filhas e pronto, vou desaparecer simplesmente.

— Calma Maria Inês, a pena por ser menor que oito anos, você terá o direito de cumprir o primeiro ano em regime semi-aberto, na prisão especial aos portadores de diploma universitário, como o trabalho externo é admissível, você também poderá exercer sua profissão. Sai do presídio às seis horas apenas para o trabalho externo e retorna às dezoito horas, com elevado senso de disciplina. Isto de segunda a sexta-feira, sábados, domingos e feriados, você ficará dia e noite no presídio.

— Mas que lástima e depois desse ano de regime semi-aberto, estou livre da prisão em quanto tempo?

— Com um bom comportamento, do segundo em diante, em regime aberto, onde você poderá sair para atender os seus pacientes, retornando para dormir na casa de custódia, mas como nunca há vagas nestas casas, você irá para a sua casa mesmo.

— Mas que coisa, Dr. João, e o julgamento como funciona isso?

— No primeiro julgamento, devido à grande comoção social e estardalhaço da imprensa, uma vitória por cinco votos a dois. O promotor certamente vai recorrer, aí já podemos esperar uma vitória por sete votos à zero, porque os fatores que influenciaram o primeiro julgamento serão praticamente inócuos no segundo.

— Tem certeza disso, Doutor, sete votos à zero?

— Sim, o povo e a imprensa estarão mais calmos, provavelmente não teremos um terceiro julgamento. A família de Valéria vai pedir uma indenização por sua morte, Dr. Alexandre, meu assistente, assumirá esta ação cível, você concorda com isso?

— Sim, sei que estou em boas mãos.

— Agora o primeiro passo, Maria Inês, é apresentá-la à justiça, segunda-feira às onze horas da manhã. Se sua prisão preventiva for decretada o Dr. Alexandre entregará imediatamente um recurso ao juiz e em poucas horas você estará livre.

Maria Inês em uma espécie de transe, nem piscou durante esta minha última explanação, depois lhe expliquei, com certa dose de terrorismo advocatício, para forçá-la a dizer a verdade dos fatos:

— Só conseguiremos uma vitória, Maria Inês, se você não mentir ou omitir, nada pode ser inconfessável, conte-me tudo, não me esconda nada. Eu preciso entender a sua alma, os grandes consertos começam pela alma,

preciso entender o seu instinto mais primitivo, entender "o porquê", da sua violenta emoção e depois santificá-la adequadamente perante o júri. Só assim poderei convencer os jurados, e evitar que você seja condenada, à pena máxima. Se você omitir algum fato relevante ao caso e o promotor descobrir, estaremos indefesos no tribunal, e você estará ferrada.

— Está certo, Doutor, o que quer saber exatamente? Diz Maria Inês, ainda em transe.

— Comesse a relatar a sua historia, enfatizando o seu relacionamento com Jader, e outros, fale tudo, deixe que eu decida o que é ou não relevante, para a sua defesa.

— Muito bem Dr. João, você é muito bem conceituado, o "terror dos promotores", segundo a minha irmã Dagmar e também diz duras palavras, de forma extremamente objetiva, vou tentar responder, da mesma forma, contarei tudo. Quando passei no vestibular de odontologia fui morar em uma pensão para estudantes, onde conheci o Carmo e o Luiz, após dois meses alugamos um pequeno apartamento de um quarto, no centro da cidade, vivemos praticamente cinco anos neste apartamento.

Interrompi o relato de Maria Inês, pois chegou a hora de utilizar o conselho da Juliana e esmiuçar a vida sexual da minha cliente, perguntei-lhe: — Matar a amante do marido, sempre traz um componente sexual ao julgamento, porque em última instância você matou a mulher com quem seu marido fazia sexo, você perdeu a virgindade com Jader?

— Não, eu perdi a virgindade antes de conhecer Jader.

— Pode lhe parecer estranha essa pergunta, mas pode ter certeza que ela é importante, com quem você perdeu a virgindade e como foram as suas primeiras experiências sexuais?

— Com o meu primo, estudávamos juntos para o vestibular, não havia sentimento de amor, apenas a liberdade sexual. Ele sempre usou camisinha e sempre teve ejaculações precoces, eu simplesmente não sentia orgasmo, então me masturbava, na frente dele, depois ele arranhou uma namorada e nunca mais tocamos no assunto, ele virou um amigo distante, mas acho que não falará nada disso, para o promotor.

— Eu decido isso, não se preocupe você está indo bem continue.

— Está certo, na faculdade me concentrei só nos estudos, passeava muito pouco, mas nunca namorava não tinha tempo para isso, era uma vida voltada para os estudos. Uma noite eu acordei e vi, pela porta entre aberta, Carmo na cama de Luiz, fingi que dormia, mas observava uma bela cena de amor, comecei a me masturbar e sentia pela primeira vez um verdadeiro orgasmo, depois outro e outro, mordendo o travesseiro para não fazer barulho. No dia seguinte, Carmo e Luiz, me chamam para uma conversa muito séria, eles estavam apaixonados, e se eu não aceitasse o namoro deles, mudariam do apartamento, tranqüilizei, os dois e falei que os amava como irmã e podiam ficar.



— Depois disso o que aconteceu, Maria Inês?

— Assisti a várias, belas cenas de amor e tive vários belos orgasmos múltiplos, sempre fingindo que estava dormindo e mordendo o travesseiro para não fazer barulho. Quando assumiram, dois anos mais tarde o namoro em público, foi um choque para todos os colegas, que se afastaram e insinuavam um triângulo amoroso, mas a nossa rotina continuava, foi assim, até maio do último ano da faculdade.

— Você jamais teve relação homossexual? Não posso ser surpreendido assim, com uma suspeição dessas, durante o julgamento?

— Já vai entender isso Doutor, numa noite eles me pegaram espiando e me pediram gentilmente, para eu me mudar dali. Sem saída, fui para a antiga pensão, onde já havia morado, porém o meu interesse por rapazes era cada vez menor, embora, não sentisse atração por mulheres, fiquei com medo de me transformar em lésbica, comecei namorar Jader no meio do quinto e último ano de faculdade.

— Como você justificou a mudança para Jader?

— Para Jader eu falei que mudei para a pensão, porque queria agradá-lo. Mas só fiz amor com ele na lua de mel, pensava que com o tempo, o sentimento de gostar muito do Jader poderia se transformar em amor e teria uma vida sexual feliz ao seu lado, embora não sentisse muita atração por ele, mas era o único homem que eu gostava.

— A partir daí você teve uma vida sexual feliz?

— De jeito nenhum, casei-me pouco antes da formatura e a lua de mel para mim foi um desastre total, três relações nenhum orgasmo. Passaram todos esses anos, dezesseis no total, duas lindas filhas e nenhum orgasmo, neste período eu pensava nas belas cenas de Carmo e Luiz, me masturbava com frequência, sentindo os meus múltiplos orgasmos, não me sentia atraída por eles ou por qualquer outro homem, nunca tive uma relação sexual com mulher.

— Suas relações sexuais com Jader, embora insatisfatórias, eram sempre pacíficas ou geravam motivos de briga entre o casal?

— Jader cumpria fielmente o papel de marido fiel, dedicado as filhas ao lar e cedia toda vez que ele queria fazer seu rotineiro e sempre igual rápido sexo. Uma vez dei um disco do Chico Buarque, para Jader e sempre que podia colocava aquela belíssima música "... todo dia ele faz tudo sempre igual, me acorda às seis horas da manhã..." para ver se ele se tocava, gastei dinheiro à toa, mas nunca, reclamei da sua ejaculação precoce.

Maria Inês me pede licença e vai até o banheiro, demora mais ou menos 10 minutos e volta, dizendo: — Posso continuar.

— Continue.

— Há quatro anos quando o banco estatal que Jader trabalhava como gerente foi privatizado, ele entrou no programa de demissão voluntária e

comprou um belo posto de gasolina. Sem experiência no ramo de combustíveis, em um ano e meio a falência do posto era inevitável, aluguei uma sala e abri um consultório odontológico particular. Atendia de manhã na fábrica de café solúvel e à tarde no consultório. Eu assumi a responsabilidade de prover a casa e Jader a responsabilidade de cuidar da casa, para meu alívio Jader foi ficando progressivamente impotente sexual, durante o seu aprendizado de esposa do lar.

— E como você reagiu a essa nova situação, Maria Inês?

— Esta situação me dava uma sensação incrível de poder, tinha prazer de ver Jader lavar a cozinha, passar roupa à noite, me pedir dinheiro para o supermercado, que ele não poderia esquecer os absorventes femininos. Eu adorava elogiar sua maionese de atum, implicar com Jader porque, tinha que ser mais econômico nas despesas da casa, e tive um rápido caso sexual, com um paciente casado. Só para sentir este poder de homem casado, e para minha surpresa, tive um único, mas verdadeiro orgasmo, o primeiro que senti em uma relação sexual.

— Jader descobriu a sua infidelidade conjugal?

— Descobriu nada, era um despersonalizado, chorava com frequência, uma noite de sábado, bem tarde, as meninas estavam viajando, escutei um barulho de copo quebrar no chão da cozinha. Levantei da cama e fiquei parada na escada, no escuro, porque a luz do corredor estava apagada, escutei Jader resmungando, na cozinha, não o visualizava, mas escutava seus resmungos. Pouco depois, ele entra na sala que estava com um abajur de luz fraquíssima acesa, não me vê no topo da escada, e senta na poltrona de costas para mim e começa a chorar feito um menino mimado que lhe roubaram o doce.

— As palavras da verdade são simples, me diga o que você sentiu?

— Jader, a dedicada esposa frígida, estava chorando, o prazer que eu sentia em ver aquela cena, acho que quase tive um orgasmo espontâneo.

— E o que você fez?

— Eu descii a escada e fui consolá-lo como um bom marido. Jader me abraça e fala que não foi nada, neste momento eu senti um verdadeiro orgasmo, em silêncio absoluto, ele pergunta-me porque eu estava tremendo e depois de alguns segundos falei que estava apenas nervosa com a situação difícil.

— Você voltou a ter relações sexuais com outros homens?

— Sim, depois deste dia comecei a fazer sexo, com clientes masculinos casados, ambos traindo suas esposas frígidas, era uma vida sexual feliz com muitos orgasmos múltiplos, até o dia que Jader estragou tudo e entra em casa feliz da vida, porque foi contratado como subgerente de um banco particular.

— Jader continuou impotente, depois que foi contratado pelo banco?

— Teve uma cura milagrosa, no dia que foi contratado, à noite, ele fez

sexo comigo como um garoto de dezoito anos, eu não senti nenhum orgasmo, estava de luto, porque fiquei viúvo da minha esposa frígida.

— Mas com os seus clientes você continuou a sentir seus orgasmos múltiplos?

— Não, fiz sexo mais algumas vezes com clientes diferentes e nada de orgasmo o meu poder de marido estava dividido, eu fiz sexo com Jader nada de orgasmo, me masturbei pensando naquelas belas cenas de amor entre Carmo e Luiz, nada de orgasmos.

— Sendo assim, porque você não se divorciou?

— Não queria o divórcio porque tinha esperança de Jader ser despedido no período de experiência, estava até tramando contra Jader com um cliente meu, que iria fazer uma reclamação formal contra ele, no Banco, quando Dagmar descobriu onde Valéria trabalhava e me mostrou de longe quem era, fui à perfumaria, entrei na loja, cega de raiva e perguntei quem era a Valéria, discutimos porque a chamei de destruidora de lar, neste momento ela ficou sabendo quem eu era, e continuamos a discutir, mas quando comecei a ver, toda a sua beleza exuberante, ela era muito jovem, linda, maravilhosa.

— E como você se sentiu, em relação à Valéria?

— Eu me senti uma velha, acabada, feia, meu corpo perto do dela era uma verdadeira piada, jamais vi um corpo tão belo e perfeito, mesmo se eu conseguisse a demissão de Jader, jamais poderia competir com a beleza e jovialidade dela. Neste exato momento, eu compreendi que tinha perdido o meu poder de marido, os meus queridos orgasmos múltiplos e Jader, minha dedicada esposa deprimida e frígida, à cruel verdade foi insuportável.

— Neste momento você ficou sob o domínio de violenta emoção?

— Sim, fiquei fora de mim, comecei a chorar e vi o estilete de abrir cartas, tudo se apagou me deu uma pane mental. Não escutava mais o que Valéria falava e numa explosão de raiva e ódio eu peguei o estilete e enterrei com vontade no peito de Valéria, enterrei com uma força descomunal, que veio do fundo da alma.

— Valéria morreu porque era jovem e linda, é isso Maria Inês?

— Sim Dr. João, é exatamente isso e não estou arrependida do crime e faria de novo se fosse possível, ela destruiu a minha vida sexual.

Eu senti que Maria Inês me revelou todos esses fatos, sentindo um misto de medo, cinismo e prazer, ao narrá-los. Ela novamente me pede licença e vai ao banheiro, mas eu ainda tinha algumas perguntas para ela, e às fiz estando profundamente irritado, com seu comportamento, não deixei transparecer isso para ela.

— Maria Inês a minha preocupação, se chama Dr. Miguel, um promotor de justiça, muito perspicaz, ele vai vasculhar a sua vida, de cabo a rabo, pode ter certeza disso, ele é extremamente metódico, e competente. Portanto eu preciso lhe fazer ainda algumas perguntas e quero

que você me responda, com a mais pura sinceridade e objetividade, porque a vida na cadeia, não é fácil, é muito difícil e põe difícil nisto, gostaria de saber, se você, confia no silêncio, dos seus clientes?

— Sim, são homens casados, escolhidos a dedo, pois eu não podia correr o risco de afrontar as minhas filhas.

— Teve algum tipo de relação sexual, com o Carmo ou com o Luiz?

— Não.

— Quando você via Carmo com Luiz, na cama, você tinha orgasmo, se masturbando? — Sim por quê? Respondeu ela com desdém.

Agora Maria Inês vai começar a sentir a minha irritação: — Confie em mim, eu sei que estou fazendo, mas vou responder a sua pergunta baseado no voyeurismo patológico, Você tem orgasmo só em ver a relação sexual, dos outros, sem a necessidade de masturbação.

— Você está pensando que sou uma pessoa doente, Dr. João?

— Não desvie o assunto, não quebre o meu raciocínio e me diga por que você casou com Jader?

— Mas eu já falei isso, Dr. João, porque eu gostava dele e achava que um dia podia amá-lo, de verdade.

— Não senti sinceridade na sua resposta, vou repetir a pergunta, porque casou com Jader?

— Eu sentia atração sexual, por ele.

— Vou lhe explicar como será seu julgamento se o promotor descobrir alguma coisa que eu não saiba.

— Certo Doutor me diga..

— Hipoteticamente seria um julgamento cheio de moralismo, acerca da sexualidade, onde o promotor, Dr. Miguel, iria explorar com muita habilidade a perversão sexual, como sendo um lugar amoral, onde se evita, a qualquer custo a abstinência sexual. Porque ela provoca uma sensação patológica de castração no indivíduo, que passa a não respeitar mais a vontade ou a vida das outras pessoas. Ressaltaria que no seu caso, não respeitar a vontade, significa as atitudes de humilhação, que você fez com Jader, durante o seu aprendizado de esposa perfeita, da traição sexual, realizada no seu consultório, ferindo a ética moral do casamento e profissional da odontologia. Vai pedir para casar o seu diploma, só para impressionar os jurados. E diria ainda mais, com todo vigor possível que no seu caso, não respeitar a vida das outras pessoas, está implícito no fato, que você matou a Valéria, por motivo fútil, egoísta, sexual e amoral. Não satisfeito, o promotor, partiria para o ataque, dizendo que a perversão, não está relacionada, só com o sexo, mas também com a lei. Onde a lei de Deus é desprezada, a dos homens é ignorada, a dos pais, recebida através da educação familiar, é rejeitada e o perverso impõe a sua própria lei. A lei de seu próprio desejo, e humilha e mata para poder gozar e satisfazer o seu egoísmo amoral, acima de tudo e de todos, seguindo apenas, a sua própria

lei, a lei de seus desejos amorais.

— Não sei se vou conseguiria suportar isso, Dr. João.

— Preciso de toda ajuda possível para livrá-la desse pesadelo, posso pedir para a Juliana, me auxiliar, na elaboração da sua defesa.

— Pode.

— Maria Inês Portanto, porque se casou, com Jader?

— Fiquei com medo de me transformar em lésbica, já falei, isto.

— Maria Inês ou você me diz toda a verdade, ou pode procurar um novo advogado de defesa, você decide?

— Também queria resolver o meu problema com a masturbação e ter uma vida sexual feliz, satisfeito Dr. João, agora você vai me dizer, qual a relevância, dessas perguntas, para o meu caso, ou lhe meto o pé na bunda e arranjo outro advogado de defesa, entendeu bem, Doutor?

— Parafilia, Maria Inês, este é o termo médico, para esta doença, o termo jurídico é perversão sexual, com requintes de sadismo, porque a você mortificou o seu marido, matou por motivo fútil a Valéria, só porque ela era mais bonita que você. Você, para o júri seria semi-inimputável, ou seja, parcialmente responsável pelos seus atos. Não conseguirá o regime semi-aberto no seu primeiro ano de pena e quando sair em liberdade, você será internada em um manicômio judiciário, para tratamento psiquiátrico talvez por anos a fio, talvez até pelo resto da vida.

— Porque pelo resto da vida, porque fala assim?

— Porque se você voltar a ter uma união estável, pode vir a matar de novo. Basta o Dr. Miguel, descobrir algumas de suas peripécias com seu marido, que a você dança feio na mão da justiça, portanto eu preciso estar preparado para o que der e vier, para salvar a sua pele, entendeu bem Maria Inês?

— Sim.

— Maria Inês, eu continuo te defendendo, ou paro por aqui?

— Sim, continua me defendendo Dr. João, cabe aos médicos fazerem os diagnósticos, mas no meu caso foi um advogado quem fez.

### **§ 1.8 – A verdade dos fatos.**

Agora eu tinha nas mãos a Maria Inês que eu queria ter nas mãos, a flor da pele: — Que tipo de relação sexual, você fazia com seus clientes, no consultório particular?

— Sexo vaginal e se for necessário eu tenho o nome e o endereço de todos os clientes casados que fizeram sexo comigo. Os seus nomes estão em uma agenda verde limão lá no consultório particular, está na ultima gaveta da minha mesa, leve as chaves. Mas, a masturbação, eu gostaria de esclarecer, isto João.

— Por favor, esclareça.

— Quando eu estudava, para o vestibular de odontologia, eu sempre

me masturbava, para diminuir a ansiedade, pré-vestibular. Às vezes saía sangue do meu clitóris, os meus pequenos lábios vaginais, foram se hipertrofiando, ficaram grandes, pelo excesso de masturbação. Por isso fiz sexo, com o meu primo, para ver se diminuía o número diário de masturbações, mas não resolveu, não tinha orgasmos e acabava me masturbado, por ansiedade, de um orgasmo, na frente dele. Quando fui morar no pequeno apartamento, junto com o Carmo e o Luiz, e vi os dois na cama fazendo amor, a minha masturbação me dava um orgasmo tão satisfatório, que eu só me masturbava, quando os dois faziam amor. Isso diminuiu em muitas vezes, o número das masturbações e assim permaneceu durante todo o tempo que moramos juntos. Eu estava satisfeita sexualmente com um número reduzido de masturbações, e com medo de estragar esta situação, não namorava ninguém. Não me mudei, quando os dois assumiram, publicamente o namoro na faculdade, e vivia feliz, até eles me pegaram espiando, e tive que me mudar, do apartamento, para a pensão, o número de masturbações, aumentou rapidamente, casei com o primeiro que apareceu, o Jader.

— Como foi o seu relacionamento com Jader, antes dele pedir demissão do banco?

— Só fui fazer sexo com ele na lua de mel, porque o meu clitóris e pequenos lábios estavam machucados de tanto me masturbar. A abstinência sexual, neste período, foi um sacrifício, conseguido com calmantes e todos os remédios existentes para dormir, depois que eu me casei com Jader e não tive nenhum orgasmo. Eu comecei a me masturbar, pesando, naquelas belas cenas, de amor, entre o Carmo e o Luiz, mas á partir daí, a coisa virou um descalabro, porque não me satisfazia. Eu comecei a me esfregar nos meus clientes, homens durante o atendimento odontológico, praticamente deitava em cima deles, enquanto, obturava os seus dentes, muitos fizeram propostas, mas nunca às aceitei. Masturbava-me no banheiro do consultório da fábrica de café solúvel, como eu atendia, só de manhã, o número de masturbações diárias diminuíram e a minha vida sexual voltou a se equilibrar, duas a três masturbações pela manhã e mais duas ou três à noite.

—E depois que ele ficou homem do lar?

— Quando Jader faliu, e eu fui assumindo o papel de marido e Jader o papel de esposa, as masturbações reduziram e o orgasmo, aumentou, e foi aumentando cada vez mais, quanto mais eu humilhava de Jader, mais melhorava o meu orgasmo masturbatório. Até que um dia eu não me masturbei e fiz sexo com um cliente. E pela primeira vez na vida, tive um orgasmo durante uma relação sexual e assim continuou, com outros clientes. Nunca mais me masturbei.

— Você se considerava curada?

— Sim, mas quando Jader arranhou o emprego no banco particular, ele voltou a ser marido e eu sem poder judiar dele, não conseguia os meus

orgasmos durante as relações sexuais. Eu voltei a me masturbar compulsivamente, quando Jader pediu o divórcio eu entrei em pânico e me masturbei, por quatro horas seguidas, até não agüentar mais de dor, a minha mão ficou toda ensangüentada. Depois fui procurar a Valéria, lá na loja, mas quando vi a beleza da Valéria, eu percebi que estava condenada a me masturbar, compulsivamente, pelo resto da vida. Matei a Valéria não sei como, não sei da onde saiu àquela força, aquela raiva.

— Nem por um segundo, você se arrependeu desse crime?

— Não consigo me arrepender, eu sei que sou doente, mas tinha vergonha de procurar um médico psiquiatra, e contar esse problema. No ginecologista, eu só ia quando estava grávida, e ele chegou a tocar no assunto masturbação, mas eu negava veementemente, sou dentista e sei que em ciência nenhuma doença sexual ou não, é vergonha ou vergonhoso, para o paciente. Para o médico é simplesmente doença, e doença precisa ser tratada, mas morria de vergonha. Não conseguia procurar ajuda, mas quando tudo isso acabar, vou me tratar, não dá mais para viver assim, eu gostaria muito de falar com as minhas filhas, mas estou com medo da reação delas, por favor, diga que as amo.

— Fique tranqüila, eu digo Maria Inês.

— Posso perguntar-lhe, mais uma coisa Maria Inês, que está me intrigando?

— Pode.

— Nunca ninguém suspeitou dessa sua compulsão sexual?

— Não, eu falava a minha bexiga é solta, que o médico diagnosticou como sendo incontinência urinária crônica idiopática, aí todo mundo perguntava, "idio" o quê?" Ai eu explicava de origem desconhecida, provavelmente um problema genético, tinha que ir várias vezes ao dia fazer xixi e quando esvaziava a bexiga, ainda continuava com a sensação que iria urinar mais um pouquinho.

— Às vezes, eu demorava alguns minutos, por isto Jader nunca desconfiou de nada, nunca ninguém desconfiou de nada. Não sei quantas vezes, na vida, eu repeti esta estória, acho que foram milhares e milhares de vezes, agora mesmo eu fui duas vezes ao banheiro me masturbar e você nem percebeu.

— Verdade eu não percebi nada mesmo.

— Posso lhe perguntar uma coisa Dr. João?

— Pode.

— Porque você me defende?

— Como já lhe disse, as palavras da verdade são simples, a sua cura para o seu caso, não está em uma cela, em uma penitenciária qualquer, está no consultório de um bom psiquiatra, com apoio de um bom psicólogo.

Um breve momento de silêncio, absoluto na sala, quebrado pelo barulho do carro de Luiz estacionando na garagem.



\*\*\*

Dr. Luiz abre a porta da sala e pergunta: — Já podemos entrar, compramos pizza e vinho.

— Jantamos de forma descontraída, sem a inconveniência dos assuntos mais sérios, Maria Inês participava pouco da conversa e logo se retirou para dormir. Dr. Carmo e Dr. Luiz, dois homens maduros, felizes por viver um grande amor, continuamos a conversar sobre vários assuntos, até o início da madrugada, quando fui embora impressionado com a harmonia daquele estranho casal.

### **§ 1.9 – As testemunhas da defesa.**

Sábado de manhã arrisquei uma visita surpresa, à minha possível testemunha de defesa. Aperto a campainha e Jader atende com cara de quem estava chorando. Apresente-me, digo que o momento é muito difícil, mas tínhamos que conversar. Ele me falou que na casa dele não, as filhas iriam escutar, mas concordou conversar em uma mesa reservada no Yzi Kielv's Place.

Jader pediu uma vodka polonesa eu um uísque escocês, tudo isso, às dez horas da manhã, e para piorar as coisas ele acendeu um cigarro, e perguntou deprimido: — O que quer saber Doutor. João?

— Me fale sobre a Valéria.

Depois que comecei a trabalhar de novo, fui comprar uma boa loção após barba, faltava pouco para a perfumaria encerrar o expediente. Conheci Valéria, ela falou para mim, que eu era muito parecido com seu pai, e eu falei para ela que eu tinha uma filha da sua idade e começamos a bater um papo agradável. Comprei a loção e acabamos saindo juntos da loja, que encerrou o expediente, lhe ofereci uma carona até a sua casa e acabamos em um motel, a partir deste dia, eu fiquei louco, por ela.

— O Doutor, sabe se Maria Inês está bem?

Percebi logo que Jader realmente não tinha condições emocionais, de falar mais nada, a respeito de Valéria, decidi que uma mentira carinhosa, que iria proteger-lhe de mais sofrimento ainda e respondi: — Eu recebi um telefonema dela, falou que ama as filhas e entrará em contato, logo que puder, disse que está bem, em segurança, mas não me falou aonde, daqui a dez dias eu vou apresentá-la à justiça.

— Se você não me ajudar, Jader, a mãe de suas filhas, poderá ser sentenciada a 20 anos de reclusão, preciso que seja a minha testemunha de defesa, preciso que você me fale sobre Maria Inês.

— Não quero falar nada sobre a Maria Inês, só no julgamento.

Concordei com ele, sabia que ele jamais prejudicaria a mãe das filhas dele. Com o estado emocional em frangalhos, Jader continua:

— Me explique o que vai acontecer, faço o que for preciso, mas sob uma condição Dr. João, lhe direi depois, que você me explicar os fatos.

Expliquei, em detalhes, o que aconteceria com Maria Inês, antes, durante e após o julgamento. A única condição imposta por ele para depor, foi uma pergunta, que eu teria que fazer em alto e bom som, para que todos os presentes no julgamento, a escutasse bem: "Você amava Valéria?"

Concordei e Jader foi embora sozinho, completamente resignado com a situação deprimente que iria passar no tribunal. Pedi mais um uísque e esperei Juliana chegar com Alexandre.

## **§ 2.0 – O desenrolar dos fatos.**

Durante o almoço conversamos detalhadamente sobre Maria Inês e seu marido Jader. Convidei Juliana para fazer parte da nossa equipe, ela ficou lisonjeada e aceitou na hora.

Instrui Alexandre: — Pegue a agenda verde limão no consultório odontológico, investigue os nomes dos amantes de Maria Inês e avalie qual o risco, deles terem comentado, com alguém, as suas aventuras sexuais com a dentista?

— Isto é urgente, João, principalmente se um desses clientes levou um belo par de chifres da esposa, e saiu falando para todo mundo que também traiu a esposa, afinal de contas chumbo trocado não dói. Vou agora ao consultório, me de as chaves. Alexandre saiu apressadamente, levando a sobremesa, no bolso do paletó.

— Juliana, eu quero que você me ajude em dois pontos, primeiro preparar Maria Inês para o seu depoimento, na delegacia. E posteriormente o seu comportamento durante o julgamento, nestas duas situações, ela tem que demonstrar ser uma pessoa equilibrada, religiosa, mãe dedicada, esposa exemplar e odontóloga competente, até agora ela tem demonstrado ser uma pessoa egocêntrica, fria e calculista onde os meios justificam os fins. O segundo ponto é de suma importância, preciso evitar a todo custo que Maria Inês interrompa várias vezes o seu depoimento na delegacia ou saia várias vezes, da sala do tribunal do júri, para fazer "xixi"...

— ...E se masturbar no banheiro, entendi João, vou tentar lhe ajudar, nestes dois pontos, não vai ser fácil, por que as parafilias ou perversões sexuais, como você chama juridicamente, geralmente vêm acompanhadas de outras doenças, biológicas ou psíquicas. Essas comorbidades podem estar presentes, mas nós ainda não as conhecemos, e o tempo é curto, para um diagnóstico preciso, vou para a chácara do Carmo e do Luiz.

Juliana pega o endereço, me dá um beijo carinhoso e vai embora, fui para o meu apartamento dormir um pouco, às oito horas da noite embarquei no vôo 376, para o Rio de Janeiro passei sozinho o que restava do fim de semana em uma bela praia, Ipanema.

Depois de um bom banho de mar e um merecido descanso, voltei, às nove e meia da manhã, o meu advogado assistente Alexandre, me aguardava no aeroporto, diz que Maria Inês está no escritório, com Juliana,

Carmo e Luiz.

— Alexandre e o recurso para o Dr. Plácido?

— Já está na mão, fiz depois de instruir Maria Inês a não responder onde se refugiou, e do direito dela não incriminar-se, deixando bem claro que ela poderia mentir à vontade, seguindo sempre as minhas orientações, de postura frente à delegada, e das recomendações de Juliana.

Em seguida liguei para a Dr<sup>a</sup>. Aldira que prontamente permitiu a nossa entrada pela porta de serviço da delegacia, evitando assim o estardalhaço da imprensa, com discreta euforia, meu advogado assistente, diz:

— Peguei a agenda verde limão, sábado, no consultório, são quatro nomes.

— Só quatro nomes Alexandre!

— Eu também pensei que fosse mais, visitei um no sábado e três no domingo, todos na faixa de cinquenta anos, com filhos e vinte anos, em média de casamento, estavam apavorados com a possibilidade das suas esposas descobrirem as suas traições e concordaram em depor como nossas testemunhas de defesa.

— Como que você conseguiu isso, com tanta facilidade?

— Muito simples, tem um fato em comum que os une, um sabe da existência do outro como amante da Maria Inês e isso facilitaram as coisas. Falei que se o escândalo vier à tona, eu só confirmaria os nomes, de quem se negou a depor tudo muito fácil.

— Eu não escutei isso, Dr. Alexandre, mas quem são eles?

— Dr. Adamastor, diretor administrativo, da fábrica de café solúvel, Prof. Hélio, do Colégio Futuro, Sr. Mário, gerente da Loja Popular, e o Sr. Zózimo, representante comercial autônomo, você vai ficar muito satisfeito, com o depoimento deles, pode acreditar.

\*\*\*

Chegando ao escritório, encontrei Juliana muito tranqüila, ela foi logo me dizendo: — Maria Inês está pronta, quanto mais rápido ela for para a delegacia melhor será, eu aguardarei você aqui no escritório.

Rapidamente, levamos Maria Inês, que me pareceu muito tranqüila, no caminho conversamos sobre algumas amenidades lúdicas, recheadas com um pouco de riso para descontrair apenas, depois disso falei para Maria Inês: — Não se esqueça Maria Inês o interrogatório é a oportunidade em que o acusado pode exercer o seu direito constitucional de defender-se diretamente da acusação que lhe é imputada, influenciando assim o convencimento judicial.

Ansioso Alexandre diz: — Você está comparecendo espontaneamente na delegacia para essa finalidade, manifestando expressamente o seu desejo de defender-se, frente à delegada.

Maria Inês responde com discreto cinismo: — Já me falaram isso, mil vezes, podem ficar tranqüilos que eu entendi muito bem.

Depois, ela recitou eufórica um estranho poema para nós.

*Virei a vida do avesso  
e não virei um poema  
com poesia: virei tema  
Um Zumbi com maresia  
abstrato como um traço  
de esperança mansa  
abissal como um passo  
de caminho sem chão  
absurdo como um laço  
de fome e desnutrição  
Virei a vida do avesso  
e não virei um poema  
Sem a cadência do fonema  
Sem o ritmo do compasso  
Virei um Zumbi no espaço*

Complementando em seguida: — Não se assustem doutores, sou apenas um Zumbi com maresia, perdido no espaço, rumo à delegacia, para enrolar uma delegada.

Alexandre responde: — É isso aí Maria Inês, arrebente com a delegada.

Confesso que fiquei preocupado com essa atitude eufórica Maria Inês, mas as cartas já estavam na mesa.

Mas Maria Inês não para e recita outro estranho poema, dizendo: — Vejam doutores, vejam as ruas, olhem...

*...é o lado calado  
da vida vivida  
na boca loca  
do fundo do mundo  
as meninas prostituem-se  
desinibidas  
os meninos traficam  
às escondidas  
os senhores sofridos,  
as mães recém paridas  
e o caboclo retorcido,  
recém foragido  
trocam palavras lavradas  
com esperança mansa  
e meio luto-puto  
na longa fila que dobra  
a esquina da vila, vejam doutores  
depois preenchem as fichas*

*sem rixas com identificação,  
Fé e desnutrição,  
trêmulos entregam  
os currículos sabendo  
que o trabalho é o máximo,  
o salário é o mínimo  
mas hoje não há vagas,  
talvez amanhã de manhã, hahahahaha...  
o retorcido aborrecido  
voltou para o crime  
os outros lamentaram  
com seus gritos aflitos  
as meninas continuam  
nas esquinas  
os meninos continuam  
às escondidas...  
...é o lado calado  
da vida vivida  
na boca loca  
do fundo do mundo...*

Alexandre desesperado tenta conter a crise de euforia de Maria Inês, mas eu não permiti: — Não, vamos ver onde isso vai dar quem sabe essa crise passa. Ligue para a Dr<sup>a</sup>. Aldira, fale que furou o pneu do carro, mas estamos a caminho.

— Ok!

Estacionei rapidamente o carro para Alexandre fazer o telefonema. Maria Inês em transe, eufórica como se tivesse possuída por um espírito maligno, diz debochadamente: — Isso Dr. João, vamos ver onde isso vai acabar, vai acabar nas noites., nas noites das meninas, dos meninos, nas noites dos cadáveres, noites...

*...Noites ilícitas, **Aberratio humani!***

*as meninas bonitas  
ejaculadas e mal pagas  
iluminam a esquina  
perigosa e gostosa  
o pivete o canivete  
e mais um sangue  
acima de qualquer suspeita  
cheio de biritá  
no meio do mangue, hahahahahaha  
Noites ilícitas, **Vexata Questio!**  
os meninos travestidos  
iluminam o marido enrustido*

*disfarçado de cabra-macho  
mais um grande cambalacho  
O viciado traficante  
a viciada nauseante  
e mais um sangue  
acima de qualquer suspeita  
cheio de AIDS  
no meio da pop-gangue, hahahahahaha  
Noites ilícitas, **Primum Vivere!**  
o banguê-banguê  
ilumina a esquina  
perigosa e gostosa  
a polícia policia  
a navalha o canalha  
e mais um sangue  
acima de qualquer suspeita  
cheio de maracutáia  
no meio do mangue, hahahahaha  
Noites ilícitas, **Deinde Philosophari!**  
silêncio macio  
do lado calado  
ilumina a esquina  
perigosa e gostosa  
no fundo do mundo  
na boca loca  
e mais um sangue  
acima de qualquer suspeita  
cheio de prazer  
no meio do langue-langue, hahahahahaa*

Maria Inês está numa crise de euforia, sem precedentes para mim, aflorava todas as suas angústias afetivas e sexuais, que motivaram o seu bárbaro crime. Fora de seu estado natural, ela não percebia que estava sendo promíscua.

A fisionomia dela vai se transformando da euforia para uma profunda depressão. Estava convencido que algum espírito de baixa luz possuía Maria Inês naquele momento, da onde saíam esses versos meu Deus, com a voz embriagada e cínica ela me diz: — Sinta o cheiro doutor, sinta o cheiro do vento nas ruas, Dr. João, o cheiro da bebida, do gozo, da morte, sinta o cheiro do vento nas ruas...

*...Pela calma banida  
no coração da mão bandida  
com olhos de alma homicida  
voa a bala perdida*

*com o brilho do esmerilho  
voa o fogo selvagem  
com o cheiro forte da morte  
no lamento do vento ao norte  
Voa a bala selvagem  
sem bem, sem o bem  
sem meu bem, sem alguém  
no coração ninguém  
Voa perdida selvagem  
risca os céus  
das antigas terras sagradas  
das modernas favelas faladas  
por onde Noé  
navegou com Fé  
com medo  
e tristeza suave  
Pela calma banida  
no coração da mão bandida  
a vida cai com tristeza  
sem defesa, nem reza  
sem o estribilho da valentia  
nem o rastilho da covardia  
Fica apenas o cheiro forte da morte  
no lamento do vento ao norte*

Depois desse último poema, que para mim veio como os outros de um espírito maligno, Maria Inês se cala catatônica, totalmente depressiva, expressando no rosto uma tristeza, uma dor, que estímulo algum deste mundo poderia provocar, disse para o Alexandre: — Acabou Maria Inês é inimputável pelo crime cometido.

— João você vai apresentá-la neste estado na delegacia?

— Sim, a Dr<sup>a</sup>. Aldira logo perceberá o estado psicológico de Maria Inês e pedirá uma avaliação psiquiátrica, na hora. Isto até facilitará a nossa defesa à “posteriori”. Acabou Alexandre.

\*\*\*

Maria Inês entra na sala da Dr<sup>a</sup>. Aldira, amparada por mim e por Alexandre, chorosa, deprimida. Perante duas testemunhas escolhidas pela delegada, ela foi identificada.

Para minha surpresa Maria Inês confessou o crime espontaneamente, com uma voz de cortar o coração. Pensei que ela não conseguiria falar nada.

Rapidamente é indiciada por homicídio simples, em seguida a Dr<sup>a</sup>. Aldira com seu chique taieur marrom escuro com detalhes e botões em bege, começou o interrogatório:



— Porque a senhora matou a Valéria?

Com a mesma voz de cortar qualquer coração humano, ela responde à delegada.

— Eu estava implorando para ela, deixar o meu marido em paz e não destruir o meu lar. Valeria riu debochadamente e falou “vá encher o saco de outra sua velha, agora seu marido é meu”, perdi o controle, vi o estilete e fiz o que fiz, nem sei como fiz, e ainda estou em estado de choque, peço a Deus perdão, porque Ele sabe que eu perdi o controle, e estou muito arrependida, Dr<sup>a</sup>. Aldira.

— Como à senhora, fugiu da loja?

Maria Inês responde com uma fisionomia que não era dela, tinha que ser de alguma alma penada arrependida. — Eu simplesmente não sei como saí da loja, comecei a caminhar pela calçada, sem um rumo certo, até me dar conta da besteira que fiz. Rezei para ela estar bem, depois de não sei quantos minutos, peguei o carro no estacionamento perto da perfumaria, e fui para a estrada. Liguei para minha irmã Dagmar, falei que tinha feito uma grande besteira, em seguida me refugiei num local que não vou revelar, a pedido do meu advogado, Dr. João.

Incrível, Maria Inês estava lúcida e convincente, complementou: — Depois de horas liguei novamente para minha irmã, ela falou que já tinha contratado um advogado criminalista para me defender, estou muito envergonhada, eu tenho duas filhas, mocinhas, me desculpe.

— As testemunhas oculares, Dr<sup>a</sup>. Maria Inês, não escutaram a Valéria falar “vá encher o saco de outra sua velha, agora o seu marido é meu”, talvez Valéria tenha falado muito baixo, para a Senhora?

— Não sei, é possível, Dr<sup>a</sup>. Aldira, mas eu escutei perfeitamente bem.

— A senhora, se lembra da sua resposta?

— Eu não me lembro de quase nada, me desculpe Doutora.

— As testemunhas oculares escutaram a Senhora dizer “Você é uma destruidora de lares”, em seguida a senhora matou a Valéria.

— Eu quero ajudar Dr<sup>a</sup>. Aldira, me desculpe, mas eu não me lembro, posso ter dito, mas me lembro do estilete, não sei o que aconteceu comido, naquela hora que vi o estilete.

— A Senhora simplesmente pegou o estilete e gravou profundamente no peito de Valéria?

— Eu não sei da onde veio essa força, ou essa raiva furiosa, desculpe-me Dr<sup>a</sup>. Aldira, se eu pudesse voltar o tempo, mas...

Maria Inês começa a chorar copiosamente, depois de uma pequena pausa, para acalmá-la, Dr<sup>a</sup>. Aldira interrogou Maria Inês por mais de quatro horas e não conseguiu tirar absolutamente nada, que a compromettesse no julgamento.

Apenas um relato sincero de uma mulher muito arrependida. Deixando claro para a delegada a sua condição de esposa dedicada às filhas,

apaixonada, que não abandonou o marido nas horas difíceis, trabalhadora, sustentava a sua família. “Sob o domínio de forte emoção”, matou Valéria para defender o seu lar e seu grande amor, Jader.

No fim do interrogatório Dr<sup>a</sup>. Aldira disse:

— Lamento informar a senhora, Dr<sup>a</sup>. Maria Inês, mas, o juiz, Dr. Plácido decretou a sua prisão preventiva, por mim eu não pediria.

Novamente muito emocionada, engolindo o choro, Maria Inês, responde a delegada — Eu estou aqui para arcar com todas as consequências do meu infeliz ato, faça o que tem que ser feito Dr<sup>a</sup>. Aldira, por favor, me desculpe.

Terminada a burocracia na delegacia, junto com o Alexandre, entrei com o recurso contra a prisão preventiva.

\*\*\*

No caminho de volta para o escritório disse ao Alexandre: — Não comente no escritório a crise bipolar de Maria Inês.

— Porque João?

— Porque a Juliana fez tudo, com tanta boa vontade, que depois numa hora mais apropriada eu conversei com ela.

— Ok.

Ligamos o rádio do carro e escutamos as entrevistas da Dr<sup>a</sup>. Aldira, elas iram ajudar muito na melhoria da imagem de Maria Inês na imprensa, e formaria com certeza uma opinião pública favorável a ela. Principalmente quando a delegada disse aos repórteres, com sua bela voz, “Dona Maria Inês, uma mãe exemplar, mulher trabalhadora, esposa dedicada ao lar, tudo leva a crer que matou Valéria, sob domínio de violenta emoção. Porque estava desesperada com o fim do seu lar, talvez peça reconstituição informal do crime para que os investigadores obtenham mais detalhes. Mas ainda não tenho nada decidido, pois o depoimento dela, dona Maria Inês, mais os depoimentos das testemunhas oculares do crime, foram muito esclarecedores dos fatos ocorridos dentro da loja”.

Juliana me esperava, no escritório, entrei na minha sala, e ansiosa, ela perguntou preocupada: — Como foi o depoimento?

— Um sucesso total, você preparou a Maria Inês espetacularmente bem, transpareceu para todos ser uma vítima indefesa, de toda essa situação. Você é um gênio Juliana, e a façanha dela de não interromper nenhuma vez o depoimento para ir ao banheiro fazer "xixi", como que você conseguiu isso, Maria Inês parecia até uma Fernanda Montenegro, em suas melhores representações teatrais?

Com um grande sorriso no rosto, ela me explica a grande façanha: — Foi difícil, passei o fim de semana, na chácara e só retornei hoje cedo, na impossibilidade de fazer um diagnóstico preciso. Como deveria em Maria Inês. A minha única conduta clínica possível foi combater os sintomas principais, ou seja, a compulsão sexual e a ansiedade. Com isso

estabilizaria Maria Inês, diminuindo a sua egocentricidade, propiciando a ela fazer um depoimento sem essa frieza egoísta, que nós conhecemos muito bem. E o principal de tudo, sem correr riscos de ela ter uma crise bipolar de humor durante o depoimento. Poderia até ter uma crise dessas, antes ou depois do depoimento, mas não durante.

— Você é impressionante, Juliana.

— Para isto João, eu direcionei o meu trabalho para o Carmo e o Luiz, explicando detalhadamente para eles, o problema doentio grave de Maria Inês. Eles ficaram chocados, porque analisaram o problema pela ótica moral e religiosa, então eu pedi para fazerem uma dissociação dessa ótica e interpretarem os fatos, sob a ótica estritamente científica. Embora todos nós saibamos que a sexualidade é regida e analisada por princípios morais, éticos, religiosos, legais, entre outros. Como são homossexuais, já foram discriminados, insisti para analisarem o problema cientificamente, e voltaria a falar com eles. Depois foi à vez da Maria Inês, falei para ela que precisa ter plena consciência de sua sexualidade parafílica e vive-la com a mesma responsabilidade civil e criminal da sexualidade convencional, ajustando-se as normas sociais e respeitando o próximo. Como isso independe da vontade de Maria Inês, porque ela é compulsiva, expliquei-lhe detalhadamente a minha opção terapêutica, por um tratamento emergencial, não ortodoxo, que eu prefiro manter em absoluto sigilo profissional, após esse tratamento proposto, Maria Inês passa por um longo e eficiente tratamento, para se curar definitivamente.

— Sem querer interromper, só tem um quesito, brilhante Dra. Juliana, Maria Inês te autorizou a me relatar, com precisão, todos os dados clínicos dela, para mim.

Juliana, meio encabulada, diz firmemente: — O tratamento proposto por mim feriu a ética profissional, não tinha outro jeito João. Chamei o Carmo e o Luiz para se juntarem a nós na sala, depois pedi para todos confiarem em mim e fui muito clara com eles: “A única medida eficaz, capaz de evitar um desastre total, no depoimento, na delegacia é você, Maria Inês, ver o Carmo fazendo amor com o Luiz. Não há outra solução, espero que vocês concordem”, um olhou para o outro e este para os dois e resinados, aceitaram fazendo um sinal com a cabeça.

— Barbaridade, Juliana essa suruba, aconteceu na chácara?

Ela me responde séria, com olhar de repreensão, quanto ao termo suruba: — Não, hoje de manhã, aqui na sua sala, Maria Inês, ficou no seu banheiro se masturbando, com a porta entre aberta, enquanto os dois faziam amor, em cima deste sofá.

— E você?

— Eu fiquei na sala de espera com a Márcia, que não sabe de nada, pensa que os três conversavam sobre assuntos particulares. O Alexandre tinha ido te buscar, no aeroporto, mas o tratamento deu resultado, a Maria

Inês depôs sem compulsão sexual masturbatória e sem ansiedade, e ainda, vai comportar-se muito bem na cela, da cadeia por dois ou três dias no máximo, depois disso terá uma nova crise bipolar.

— Você é brilhante, Juliana, desculpe-me pelo uso do termo suruba. Ela sorriu com carinho e me deu um longo beijo na boca, em seguida lhe perguntei: — O que poderia determinar uma crise bipolar antes ou depois do depoimento?

— Antes o medo de depor, depois o alívio do estresse poderia provocar uma crise dessas nela.

— E porque não durante o depoimento?

— Simples João, Maria Inês se apegou na segurança que eu lhe transmiti. Ela acreditou piamente, que se fizesse tudo o que eu lhe pedi, para fazer durante o seu depoimento na delegacia. Eu lhe daria de presente o CD com o vídeo, que eu gravei do Carmo fazendo amor com o Luiz. Mas é lógico que eu não vou fazer isso, já devolvi o CD para eles. Foi apenas uma utilização correta da psicologia infantil, para o caso de Maria Inês, “faça isso que você ganha um doce”.

— Você é um gênio Juliana.

Depois com todos reunidos na minha sala, festejamos com uma taça de champanhe, a nossa primeira vitória no caso Maria Inês.

\*\*\*

Às dez horas da manhã de terça feira, com todo o estardalhaço da imprensa, criticando a justiça, Maria Inês estava livre para aguardar o seu julgamento em liberdade e começar um longo tratamento, capitaneado por Juliana com assessoria médica psiquiátrica do Dr. Ivan, um senhor de sessenta anos, muito simpático e calmo.

## **§ 2.1 – A regressão.**

Com o passar dos dias o tratamento, de Maria Inês revelou-se muito difícil, as diferentes abordagens clínicas da psicanálise e psiquiatria, passando pela psicofarmacologia não demonstravam êxitos terapêuticos significativos.

Ela melhorou muito pouco, e o tempo se esgotando, eu precisava de uma Maria Inês igual à Maria Inês, do depoimento da delegacia, a data do julgamento, seria marcada em breve.

Preocupado eu relatei o fato a Juliana e para o Dr. Ivan, então eles decidiram, diminuir de quatro para três, as sessões semanais de psicoterapia, incluindo em seu lugar, uma sessão de psicoterapia hipnótica, continuava a reavaliação psiquiátrica semanal.

Para realizar essa nova conduta clínica, eles convidaram o Dr. Fábio, psicólogo de renome internacional, especialista em hipnose Ericksoniana, com vasta experiência em psicoterapia de vidas passadas. Confesso que tenho um pouco de preconceito, a esse tipo de terapia hipnótica, mas era a

nossa ultima tentativa, antes do julgamento, pois não haveria tempo para mais nada, sabíamos que o tratamento de Maria Inês, seria longo e penoso.

Os três trabalharam com Maria Inês, exaustivamente por seis meses e meio, quando o juiz marcou a data do julgamento para breve, eu fiquei muito preocupado, mas veio à boa notícia, poucos dias depois.

Juliana estava entusiasmadíssima com os resultados positivos da hipnose Ericksoniana, também conhecida como método da confusão mental. Porque o paciente pode ser hipnotizado sem saber, com esse procedimento conseguiram desbloquear a mente de Maria Inês, e fazer uma terapia de regressão etária conjuntamente com uma terapia de vidas passadas.

Dr. Fábio me fez um relato detalhado do procedimento clínico realizado. Primeiro ele utilizou uma técnica de regressão etária, onde Maria Inês regrediu até a vida intra-uterina. Descobriram que ela quase se asfixiou durante o parto, aos três anos, tinha mania de tocar sua vagina, deixando sua mãe furiosa.

Para tirar este hábito, batia forte em sua mãozinha, a partir daí teve uma educação muito rígida, que a reprimiu sexualmente, na sua infância, meninice e adolescência, a compulsão sexual, começou na época que estudava para o vestibular, o restante não tinha importância diagnóstica.

Mas ela não reagiu satisfatoriamente, a regressão etária, masturbava-se compulsivamente, pelo menos seis vezes ao dia, então o Dr. Fábio decidiu utilizar a técnica da terapia de vidas passadas.

Numa dessas regressões, Maria Inês, narrou ter vivido em um mundo dominado pelo Império Romano, se chamava Josmar, quando suas terras foram conquistadas, pelos exércitos de Roma, era um jovem forte, loiro, sabia ler e escrever corretamente, coisa rara naquela época.

Foi preso como escravo, por ser letrado ele foi castrado e vendido em leilão público, a peso de ouro como eunuco. O comprador foi Celsius, um proeminente senador romano, e Josmar passou a cuidar das seis esposas do seu dono.

Celsius tinha um sensual e afeminado jovem concubino, fato perfeitamente natural e corriqueiro na Roma antiga.

Maria Inês relatou ainda, que Josmar espiava o senador fazer sexo, apenas com fins reprodutivos com as esposas e amor com o concubino, onde ela viu várias e belas cenas de amor, até o dia que o pegaram espiando.

Irritado Celsius condenou Josmar à morte, por afogamento em uma pequena piscina decorativa, foi imobilizado e afogado, pelos escravos da casa. A partir desse dia, Maria Inês, começou a reagir bem ao tratamento.

\*\*\*

Enfim o julgamento foi marcado, a expectativa era enorme, para desestressar na noite que antecedeu o julgamento convidei Juliana para

jantar, mas antes liguei para a Primor Cestas Matinais, encomendei uma cesta matinal Vip, para duas pessoas, em seguida liguei para o maitre do Yzi Kielv's Place e reservei uma discreta mesa à meia luz.

Pouco depois, peguei Juliana em seu apartamento e fomos para um romântico jantar dançante.

Os pedidos são feitos, fundue de queijo suíço aos quatro formaggi com pão italiano, regado a uma pequena extravagância, uma garrafa do tinto francês La Tâche.

Quando servidos, Juliana dispensa o garçom e diz que a partir dali ela mesma me servirá. E assim o faz, começa servindo o vinho para mim, com gestos delicados, sensuais.

Depois que aprovo o vinho, passa a servir com o fundue e o pão italiano, cortando-o em pequenos pedaços, molhando no caldo, e levando à minha boca.

Eu passo a provocá-la, cada vez que seus dedos tocam propositadamente os meus lábios, seguro seus pulsos pra degustar do pão que me é servido e prendendo entre meus lábios um a um os dedos dela, dando-lhes um leve toque língua, sentindo-a estremecer enquanto faço isso.

Observo as suas pupilas de Juliana dilatando sensivelmente, a pele arrepiada, a respiração alterada, digo-lhe: — Vou seduzir-te com malícia, influenciar-te com os meus beijos, transformar-te com os meus pecados, saciar-te com a minha fome e sede de você. Vais suplicar pelo o meu veneno, aprender a rir com os meus dedos, a brincar com o meu fogo. Vais gozar sem ter medo!

Sem responder nada, em silencio ela pega a taça de vinho, levando-o aos meus lábios, mas suas mãos estão tremulas, deixa escorrer uma gota pelo canto da minha boca.

Juliana pega o guardanapo, para secá-la, mas antes que o faça, eu seguro novamente os seus pulsos e divertindo-me muito por vê-la assim, passo a língua secando-a.

Então, percebo que até ali, Juliana não havia nem provado o vinho, o fundue, e o pão, nada, apenas me servindo feliz por fazê-lo. Resolvo inverter o jogo de sedução, lhe ofereço uma taça de vinho, ela bebe, pego o pão, parto-o, mergulho no fundue, e leva-o a sua boca, esperando por sua reação, que é de surpresa.

Juliana então segura a minha mão, com dedos trêmulos, e num ímpeto abocanha o pão levando meus dedos até a boca, chupando-os de forma sensual, intensa, causando em mim um intenso frenesi.

Seguro a mão de Juliana e beijo-a dizendo deliciado com excitação: — Vamos sair daqui?

— Me tire daqui.

Saímos deixando nossa garrafa de La Tâche para traz.

Fomos direto para o meu apartamento, lá chegando, eu a prendo contra

a parede, beijando-a intensamente e sussurrei-lhe ao ouvido: — Agora a minha Juliana, vai pagar por toda essa provocação.

Ela responde: — Vai ser mais uma noite inesquecível.

Mas eu não estava afim de jogar os joguinhos sexuais de Juliana esta noite. Não queria nenhuma fantasia de submissão dela, queria apenas uma boa noite de amor, sem ter que amarrá-la, vendá-la e propus: — Sim, vamos ter uma noite à moda antiga. Inesquecível, a nossa primeira.

— Ah! Seu danado, você disse isso só para judiar de mim. Ai! Como você é gostoso João.

Rapidamente percebi que a minha proposição iria estragar a noite e não insisti no assunto. Percebi que se não fosse do jeito que Juliana queria, não seria de jeito nenhum. E com isso ela me dominava completamente, na verdade eu era um servo, um escravo das suas vontades. Acho que se assim não o fosse, ela terminaria comigo porque não conseguiria atingir os seu orgasmos múltiplos.

A cesta do café da manhã chegou exatamente às oito e meia, como o combinado, após o café matinal, a vida deixou de ser azul, fomos para o fórum, chegou a hora de defender Maria Inês de seu bárbaro crime.

## **§ 2.2 – O julgamento.**

No julgamento, o que estava em jogo?

Se Maria Inês fosse condenada, como Dr. Miguel, desejava, ela seria mandada para a penitenciária, cumpriria parte da pena em regime fechado, certamente descobririam toda a loucura dela, e de lá para o manicômio judiciário, de onde nunca mais sairia. Por ser considerada semi-inimputável de alta periculosidade Maria Inês, estaria irremediavelmente condenada a um tratamento psiquiátrico perpétuo. Tratamento este que só existe no papel, o manicômio é um local de mortos vivos, ela só sairia de lá para o cemitério.

A minha única arma para evitar essa catástrofe era a mentira, juridicamente, a mentira está relacionada ao dolo ou prejuízo que causa a outra pessoa, no caso de Maria Inês, infelizmente a outra pessoa, era Valéria e está morta, não poderia sofrer mais prejuízos, do que já sofrera.

Qualquer bom advogado criminalista mentiria, neste caso. Não se ataria aos autos processuais, deste modo, poderia mentir a vontade, pois está sustentando a versão de um acusado que tem direito de mentir em causa própria, para não produzir provas contra si, durante seu interrogatório no tribunal do júri.

Teria que usar a mentira com maestria, não como sendo o contrário da verdade, mas sim com a intenção deliberada de enganar os jurados, criando para eles uma versão santificada da Maria Inês, uma pessoa doente que precisa de ajuda.

Maria Inês presa seria incapaz de abismar-se em profunda meditação

da pena, compreender todos os seus erros e enganos, regenerar-se, reformando o seu doentio caráter perverso-delinquente, jamais retornaria à sociedade moralmente curada. Portanto eu acredito piamente que a cura de Maria Inês é médica e não jurídica.

Santo Agostinho, certa vez declarou, “Quem enuncia um fato que lhe parece digno de crença ou acerca do qual forma opinião de que é verdadeiro, não mente, mesmo que o fato seja falso”.

Por estas sábias palavras, proferidas pelo santo e filósofo, eu tinha a total convicção que as minhas palavras, soariam para os jurados, como a mais pura expressão da verdade dos fatos e com a ajuda do depoimento de Jader, tornavam a possibilidade de uma vitória completa, em um fato provável.

\*\*\*

Maria Inês teve muita sorte no sorteio dos jurados, o promotor não recusou nenhum jurado, poderia recusar no máximo três eu também.

O júri foi composto por quatro senhoras, casadas a mais de dez anos, sendo duas professoras primárias, uma atendente de enfermagem da Santa Casa e uma do lar, mas sua religião era Testemunha de Jeová. Três homens, dois casados a mais de dose anos, um engenheiro muito conservador, um contador que freqüentava a Renovação Carismática Cristã e um estilista de moda de trinta anos, onde residia a minha preocupação.

Dá para perceber se alguém será um bom jurado pelo olhar dele quando é sorteado, o jurado que faz cara feia ao ser sorteado, não vai dar certo, e o estilista fez, mas decidi mantê-lo no júri, evitando um possível, troca-troca de jurados com o promotor.

Pela minha experiência sabia que o restante desses jurados buscariam dar uma boa chance, àquele réu que se apresentasse diante deles para contar a sua história, a sua versão dos fatos e seu posicionamento diante dos fatos ocorridos com humildade, externando todo o seu arrependimento para eles.

Não foi permitida, pelo Juiz, a presença da imprensa na sala do júri, em nome do direito à imagem do acusado que está em julgamento. A imprensa fez o maior estardalhaço, dizendo que outros juízes, permitiram em nome da liberdade de imprensa.

Então o Dr. Plácido distribui para a imprensa um melancólico comunicado escrito: *“O problema do avanço da imprensa e do Tribunal do Júri é uma questão bastante polêmica, pois o Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo tem um provimento, datado de 1942, que veda qualquer acesso da imprensa ao plenário do Tribunal do Júri, portanto fica vetada a presença da imprensa”*.

A imprensa contra atacou emitindo um comunicado oficial: *“A imprensa não pode ser cerceado pelo direito à imagem, pois a pessoa faz parte do mundo, o interesse pelo noticiário prevalece e está acima do interesse individual”*, mas não teve jeito, o juiz estava irredutível, em sua



decisão.

O julgamento foi realizado em uma sala nova, preparada para acomodar uma pequena platéia, diante da qual estava o juiz, Dr. Plácido, tendo suspenso na parede, atrás de si, um crucifixo católico tradicional, simbolizando a humanização da justiça. O promotor, Dr. Miguel, ficou ao lado do juiz, de frente para a platéia, o escrivão, Sr. Milton, sentou-se do outro lado, ficando à esquerda, do juiz.

Em duas filas junto a uma das paredes laterais da sala, ficaram os jurados, vestidos com uma meia beca, à moda dos serventuários da justiça. Na parede oposta, à direita, de frente para os jurados, sentei eu, advogado de defesa, e Maria Inês, sentou-se no banco dos réus, ficando também diante os jurados.

Dr. Plácido explicou, a todos, em tom didático, a sua disposição de buscar a verdade "real" dos fatos. Compelido pelo princípio da ampla defesa, e aceitabilidade de todos os indícios trazidos pelas partes ao processo. Instrui os jurados, lembrando-os que são proibidos de discutirem entre si os fatos.

Depois ele leu, em alto e bom som, os autos e os relatou para os jurados, dando-lhes de forma simples e detalhada, conhecimento sobre os fatos e uma pausa para o almoço.

Estava chegando à hora em que aquele que vai julgar tem contato com o que vai ser julgado e todos os gestos, feições e palavras são observados fielmente e anotados pelo juiz. Mormente o jurado é um leigo em assuntos jurídicos, porque este, talvez até por ser leigo, ou julga com seu bom senso, ou julga com a sua experiência de vida, com o seu conhecimento de mundo, não tendo, muitas vezes, o preconceito do juiz.

O jurado não leva ao réu, aquele preconceito de que todos os acusados mentem, ou de que, todos os acusados se retratam, perante o juiz, para conseguir uma sentença de absolvição.

Às duas horas recomeçou o julgamento. Baseado no que foi apurado durante o inquérito policial e a instrução judicial, Dr. Plácido, fez o interrogatório de Maria Inês. Desta vez ela superou todas as minhas expectativas, humilde e arrependida dos seus atos, ela simplesmente conseguiu, com suas respostas mentirosas, emocionar todos os jurados, inclusive o juiz, quando Maria Inês pediu desculpas a mãe de Valéria.

E nesse clima de emoção, que tomou conta da sala, o juiz acabou antecipando em alguns minutos a pausa para o café da tarde.

Depois do café chegou à vez das testemunhas de acusação, depuseram baseadas no que viram na cena do crime, nada comparado com os depoimentos das minhas testemunhas de defesa. Dr. Adamastor, diretor administrativo, da fábrica de café solúvel, em seu depoimento, disse que Maria Inês é uma excelente funcionária, nunca faltou um dia se quer, e em vinte anos de casa, só recebeu elogios, ao trabalho dela como dentista.

O Sr. Zózimo, representante comercial autônomo, disse ser presidente da associação de bairro, em que Maria Inês mora, sendo seu vizinho, por mais de quinze anos. Nunca ouviu ninguém falar alguma coisa que desabonasse a conduta dela, só coisa boa, ela é uma pessoa muito simples, se dava bem com toda a vizinhança e muitos eram seus clientes.

A terceira testemunha da defesa foi o Prof. Hélio, do Colégio Futuro, disse ser membro da associação de pais e mestres do colégio, e considera Maria Inês uma mãe dedicada, que sempre se preocupou com a educação das filhas. Participando de todas as reuniões da associação, dando várias sugestões, para a melhoria do ensino no colégio.

Já o Sr. Mário, gerente da Loja Popular, disse que Maria Inês é uma pessoa muito religiosa, desprovida de vaidades, freqüentam a mesma igreja e o mesmo grupo de oração, disse ainda, que ela é uma pessoa muito caridosa, atendendo vários e vários fieis de graça.

Depois veio Jader, quando o vi, tive a certeza que seria a minha principal testemunha de defesa, ele prestou seu juramento de dizer somente à verdade, e em seguida fiz a minha primeira pergunta: — A dona Maria Inês foi uma boa esposa para o Senhor?

— Ela sempre foi uma boa esposa, excelente mãe para as minhas duas filhas, muito zelosa com a casa. Quando eu quebrei, com meu posto de gasolina, ela me apoiou, foi à luta, montou um consultório particular, trabalhava até nove, dez horas da noite, o mínimo que eu poderia fazer era assumir a casa, cuidar das minhas filhas, enquanto ela fazia o meu trabalho fora de casa.

— Então eu posso concluir que dona Maria Inês era uma esposa compreensiva, trabalhadora e caseira?

— Às vezes ela saía com algumas amigas, depois do trabalho, para relaxar um pouco do stress, eu entendia, à situação era difícil. Quando fiquei completamente impotente ela nunca me criticou, nunca me traiu, sempre me amou, elogiava até a minha péssima maionese de atum, ela entendeu que eu estava impotente, porque estava deprimido e uma hora as coisas voltariam ao normal, e quando a situação melhorou, eu estraguei tudo.

— Entendo perfeitamente bem as suas palavras, mas o Senhor poderia explicar por que acha que estragou tudo, quando a situação melhorou?

— Eu comecei a trabalhar e instantaneamente minha vida voltou ao normal, mas eu estava com muita ansiedade de recuperar o tempo perdido e acho que a sufoquei.

— Maria Inês estava com uma boa clientela, trabalhando muito e começamos a discutir, estávamos tendo uma espécie de incompatibilidade de gênios, tenho certeza que a minha ansiedade provocou está situação, eu queria um tempo, Dr. João. Ela não tinha culpa dessa situação, mas Maria Inês ficou insegura, foi até procurar uma psicóloga, estava com medo de

nosso casamento acabar, uma prova do seu amor por mim.

— Como a dona Maria Inês descobriu o seu relacionamento amoroso com a dona Valéria?

— Quando Maria Inês procurou à psicóloga, eu levei a situação em sigilo por mais um mês, mas eu queria o divórcio de qualquer maneira. Fiz tudo errado com ela, contei do meu namoro. Maria Inês ficou amedrontada, entrou em pânico e com medo de me perder, mata a Valéria, mata para não ver o seu grande amor nos braços de outra, eu sou o grande responsável por essa tragédia, deveria ser julgado por este crime, Dr. João.

— Você amava Valéria?

— Eu amo a Valéria, mesmo depois que ela se foi, é e será sempre o grande amor de minha vida e está é a ultima declaração de amor que faço, em vida, para uma mulher, pois Valéria me espera no céu. Sinto-me responsável pela morte dela e peço desculpa aos pais da minha amada, peço desculpa, pela desgraça que provoquei.

Muitos jurados, simplesmente, choraram. E o juiz determinou uma nova pausa, agora para o jantar.

Às sete e meia da noite começou a parte mais importante do julgamento, o debate, em que acusação e defesa se defrontam, durante duas horas, cada um, com a possibilidade de prorrogação por mais uma hora.

Neste “disputatio escolástico”, o advogado de defesa e o promotor defendem as suas teses opostas.

Dr. Miguel centrou o seu furioso ataque, evidenciando a cena do crime, através de fotos. Depois explorou com maestria a fúria injustificada da Ré, baseado nos depoimentos das testemunhas oculares. E se pautou, no final do seu ataque devastador, na motivação do crime, o ciúme. Demonstrando aos jurados com grande eloquência, a irrelevância desse motivo fútil e torpe, para se cometer um crime de assassinato.

Eu contra ataquei os argumentos do promotor com muita eloquência educada e discreto charme, baseado nos depoimentos de Maria Inês e das minhas testemunhas de defesa, amantes da minha cliente. Demonstrando aos jurados que a Ré era uma excelente pessoa, e utilizando o depoimento de Jader como base eu santifiquei a Maria Inês, como mulher, esposa, mãe dedicada, provedora do lar e odontóloga trabalhadora, ela virou praticamente uma santa milagrosa, em minhas palavras lavradas com muita convicção.

Assim finalizei no momento a defesa da Ré, que continuaria na réplica com prorrogação de uma hora, para a acusação e para a defesa.

Mas antes uma pequena pausa, para um merecido café, em seguida a coisa pegou fogo de vez.

Por mais que Dr. Miguel se esforçasse, em sua réplica, não conseguia neutralizar o depoimento de Jader, que santificou a esposa. Tudo o que ele argumentava, não provocava os efeitos desejados nos jurados, que olhavam

para ele com descrédito.

Baseado no raciocínio lógico simplista dos jurados, inocente ou culpado e no raciocínio simples do juiz, onde a premissa maior reside em normas, por exemplo: Matar alguém, pena - reclusão, de 6 (seis) a 20 (vinte) anos. E a premissa menor reside no fato, por exemplo: Cain matou Abel. Premissas que impõem ao juiz, as seguintes conclusões: Cain matou Abel, portando deve cumprir de seis a vinte anos de reclusão.

Como eu senti que todos esses fatores de raciocínio lógico, estavam favoráveis a mim, eu apenas reforcei está santidade, chamada Maria Inês, nunca menti tanto em minha vida e só parei quando tive certeza de ter convencido o juiz e todos os jurados que a minha tese, era a tese correta, se o promotor não tivesse uma carta escondida na manga, ele estava perdido e eu com a vitória assegurada.

Na sua tréplica, depois de uma breve pausa, para mais um café, o promotor mudou sua estratégia e tentou virar o jogo.

Descreveu com impecável eloquência a monstruosidade de uma pessoa que mata por ciúmes, e acertou, por dedução própria, quando levantou a tese de Valéria ser uma linda mulher, notada por todos e Maria Inês, ser apenas uma mulher comum, que não chamaria atenção, ao passar pelas ruas.

Depois Dr. Miguel alegou para o júri a sua suspeição e afirmou, arriscando um tudo ou nada, “Maria Inês matou a Valéria, não por temer a dissolução do seu lar. Não meus caros jurados, não foi isso o que aconteceu. É fácil, depois de tudo que vimos hoje aqui, neste tribunal do júri, concluir sem medo de errar, o principal motivo do crime.”

E já na base do desespero afirmou: — A Ré matou a vítima, porque ela era jovem e bonita, deixando claro para todos nós, que, Maria Inês, a Ré, é uma pessoa dominada pela maldade, que a torna uma pessoa monstruosa, uma maçã podre, que deve ser banida da nossa sociedade e ser encarcerada por longos anos na penitenciária. Eu finalizo aqui a acusação, convencido que a justiça será feita hoje e Maria Inês, banida do nosso meio social, porque aqui não há lugar para maçãs podres.

O promotor obrigou-me a ser mais contundente ainda, na minha tréplica: — Isso é nojento! Isso é asqueroso! O que mais posso dizer as senhoras e aos senhores do júri, a não ser demonstrar toda a minha indignação com a postura do promotor, em sua eloquente tréplica. Estou indignado sim, indignado com essas palavras levianas do promotor. O Dr. Miguel é um mentiroso e mentiu descaradamente, e não vai me processar por injúria, sabem por que senhoras e senhores do júri, porque eu estou com a verdade e ele com a mentira, a defesa encerra aqui, certa que a justiça será feita.

Encerro a defesa em meio do imediato alvoroço que se formou na sala, o juiz pede ordem no tribunal, Dr. Miguel protesta ao juiz, de pé com os

braços abertos, novamente o juiz pede ordem ao tribunal e quando ela é restabelecida, faz imediatamente uma pausa de trinta minutos.

Dr. Miguel tenta tirar satisfações imediatamente comigo, mas é impedido pelo seu promotor assistente.

Na verdade eu não estava com a verdade, estava com a lei, e existe uma grande diferença entre a lei e a verdade, por isso, não ia ser processado nunca pelo Dr. Miguel. O advogado possui imunidade com relação às palavras proferidas na defesa dos interesses de seu cliente. Portanto, eu não cometi o crime de injúria, ao chamar o promotor de justiça de “mentiroso”, durante o nosso debate na tréplica, no Tribunal do Júri.

Às duas e meia da madrugada começou a quesitação, são os quesitos, uma série de perguntas extremamente técnicas. Que incluem o exame de agravantes e de atenuantes da pena, formuladas pelo juiz, com a anuência da acusação e da defesa, os jurados votam secretamente, de acordo com as suas consciências, colocando as cédulas marcadas com sim ou não em uma urna.

E o Dr. Miguel irritadíssimo pelo fato de eu tê-lo chamado de mentiroso, às quatro horas da madrugada, teve que amargar uma derrota por sete à zero.

Maria Inês é condenada à pena mínima e começaria a cumpri-la em regime semi-aberto.

Dr. Miguel faz o maior estardalhaço, na imprensa, e diz que entrará com recurso do Ministério Público, para um novo julgamento, e veio falar comigo em particular:

— Prepara-se Dr. João, eu sei quem é mentiroso, nós vamos ter um novo julgamento.

— O choro é livre, Dr. Miguel, a sentença da justiça dos homens será a mesma, em um novo julgamento, mas infelizmente não saberemos, qual será a sentença da justiça de Deus.

— Você tem razão, Dr. João, mas não é possível, que só eu vi a culpa nos olhos desta mulher.

— Talvez esse fato indique que ainda não passou pela sua cabeça, uma realidade simples, o senhor está errado Dr. Miguel. Sem me responder ou se despedir, ele vira as costas e vai embora bufando de raiva.

Na realidade Dr. Miguel não conseguiu ver, que atrás daquele olhar de culpa, existia uma mulher extremamente reprimida, na expressão de sua verdadeira sexualidade. Que acabou dando origem a uma pessoa aparentemente normal, mas totalmente desequilibrada psicologicamente, semi-inimputável de alta periculosidade, demandando urgente tratamento psicológico e psiquiátrico, capitaneado com sucesso por a Juliana.

Salvamos uma mãe de família, mas desta vez não comemoramos a vitória, em respeito à memória de Valéria. Mas não conseguimos conter os risos, quando na manhã do dia seguinte, um jornaleco, tipo um pequeno

tablóide, de baixa circulação na cidade, ligado e comprometido com os direitos humanos, inconformado com a pífia atuação do promotor, ironizou o seu apelido de “Pesadelo dos advogados” e estampou em letras garrafais em sua primeira página.

“Terror dos promotores 7 x 0 Sonhos dos advogados”

MIDU GORINI

***O Sob o domínio de violenta emoção***

“Conto longo” (“long-short story”)

*Primeira edição*

